

Sandra Carina Cabral da Cunha

**AS TENDÊNCIAS PARA O SETOR BANCÁRIO NA ERA
PÓS COVID-19**

Dissertação para a obtenção do Grau Mestre em Gestão de
Empresas

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria Reis

Instituto Superior de Administração e Gestão

PORTO, ABRIL DE 2021

Declaração de honra

Eu, Sandra Carina Cabral da Cunha, abaixo assinado, estudante do Mestrado em Gestão de Empresas no Instituto Superior de Administração e Gestão, com o n.º 191260003, declaro por minha honra que o presente trabalho académico foi elaborado exclusivamente por mim, e respeita os direitos de autor e não contém qualquer plágio.

Por ser verdade e me ter sido solicitada apresento esta declaração que vai assinada por mim.

Porto, 08/04/2021

Sandra Cabral Cunha

AGRADECIMENTOS

A realização da presente dissertação contou com importantes pilares e apoios que sem os quais não teria sido possível levá-lo avante e aos quais ficarei eternamente grata por todo o incentivo prestado.

À Professora Doutora Ana Maria Reis, por toda a sua colaboração, disponibilidade e apoio na execução do presente trabalho.

À Professora Doutora Sofia Gomes, pela sua inicial colaboração e interesse para que eu levasse a cabo a investigação na presente área.

Ao meu Supervisor Pedro Ferreira, que sempre demonstrou um interesse enorme em saber o ponto de situação em que me encontrava e que sempre me forneceu um grande apoio para que conseguisse aliar a minha vida académica e profissional.

Às minhas amigas, Patrícia Ferreira, Joana Oliveira, Joana Sousa, entre outros que não menciono, mas que tiveram sempre do meu lado nos momentos mais difíceis e que sempre me deram força para continuar esta jornada.

Ao meu namorado, Fábio por todo o seu companheirismo, força, apoio e paciência que demonstrou ao meu lado. Dono de uma coragem inabalável sempre me mostrou o rumo a seguir e a superar os obstáculos que me foram postos ao longo do caminho.

Às minhas avós de coração, D. Rosário e Conceição que sempre me acarinharam de corpo e alma e me deram os melhores e bons conselhos.

Às minhas estrelinhas, a avó Maria do Carmo e ao avô António que mesmo não estando fisicamente ao pé de mim, estão certamente muito orgulhosos e a vibrar deste marco na minha vida académica.

Por último, tendo consciência que nada disto teria sido possível, dirijo um agradecimento muito peculiar à minha família, aos meus irmãos Diogo e Marco e aos meus pais, mas em especial à minha mãe, que nunca no pior cenário me deixou desistir, nem baixar os braços para nada. Sempre me transmitiu uma força e energia incondicional que só o amor de mãe o sabe fazer.

Às minhas estrelinhas e à minha mãe, dedico este trabalho e esta vitória na minha vida!

“Lembra-te que as pessoas podem tirar-te tudo, menos o teu conhecimento” (Einstein).

RESUMO

O setor da banca atravessa um período de elevados desafios provocados pela pandemia Covid-19, que levaram à necessidade de adaptações, incluindo a necessidade de minimização dos impactos da pandemia sobre famílias e empresas.

Assim, o objetivo da presente dissertação é analisar o impacto da COVID-19 no desempenho económico e financeiro dos bancos portugueses e quais as tendências que lhe estão implícitas.

A nível metodológico foi realizada uma análise quantitativa com dados económicos e financeiros recolhidos dos relatórios e contas dos diversos bancos portugueses, extraídos do *website* da Associação Portuguesa de Bancos, relativos a 2018, 2019 e primeiro semestre de 2020, sendo calculados rácios económico-financeiros.

Comparando o ano de 2019 e o primeiro semestre de 2020, conclui-se que os Indicadores de Estrutura Patrimonial evidenciaram uma tendência positiva, contudo apresentam algumas preocupações estruturais. Os Indicadores de Funcionamento bem como os Indicadores de Rendibilidade apresentaram uma tendência de deterioração provocada pela atual crise pandémica que impactou numa desaceleração económica ao nível da criação e desenvolvimento de negócio.

Conclui-se que o setor bancário, desde o início da pandemia, teve um papel fundamental no apoio às famílias e empresas, contudo enfrenta algumas dificuldades devido à paragem da economia, sendo necessária cautela nas operações para evitar uma degradação ao sistema financeiro.

Considero que o estudo deste tema é extremamente pertinente, porque se trata de um tema bastante atual e, por isso, poderá ser um ponto de partida para futuras investigações. Recorrendo a informações cientificamente válidas poderá ser um auxílio ao esclarecimento de dúvidas existentes na comunidade.

Palavras-Chave: Setor Bancário Português; Pandemia; Rácios financeiros; Performance Bancário

ABSTRACT

The banking sector is going through a period of high challenges caused by the Covid-19 pandemic which led to the need for adaptations, including minimizing the impacts of the pandemic on families and companies.

For this reason, the objective of this dissertation is the Analysis of the impact of COVID-19 on the economic and financial performance of Portuguese banks and its trends.

The methods included a quantitative analysis based on the economic and financial data collected in the reports and accounts of the Portuguese banks, extracted from the website of the Portuguese Association of Banks, for 2018, 2019 and 1st half of 2020, and economic-financial ratios are calculated.

Comparing 2019 with the 1st half of 2020, the indicators of financial structure presented a positive trend. However, these indicators revealed some structural concerns. A deterioration of the operating and profitability ratios was observed, due to the Covid-19 pandemic crisis.

Thus, the main conclusion is that the banking sector has played a fundamental role in supporting families and companies, since the beginning of the pandemic. However, it faces some difficulties due to the economic downturn in which caution in operations is necessary so as not to lead to a deterioration in the financial system.

I consider the study of this topic to be of extremely pertinence because it is already a very current one and therefore, it could be a starting point for future investigation. Plus, since it uses scientific and valid information it can help to clarify doubts inside the community.

Key words: Portuguese Banking Sector; Pandemic; Financial Ratios; Banking Performance

ÍNDICE

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice de Figuras:.....	viii
Lista de Tabelas:.....	ix
Lista de Gráficos:.....	x
Lista de Anexos:.....	xi
1. Introdução e identificação do problema de investigação.....	1
2. Revisão da literatura.....	4
2.1. Sistema Bancário Português.....	4
2.2. O Papel da Moeda no Sistema Bancário.....	7
2.3. Supervisão e Regulação do Sistema Financeiro Português.....	8
2.4. Análise Económica e Financeira das Instituições Financeiras e os seus Instrumentos.....	9
3. Metodologia.....	12
3.1. Apresentação dos Indicadores de Gestão Bancária.....	12
3.1.1 Indicadores de Estrutura Patrimonial.....	13
3.1.2 Indicadores de Funcionamento.....	14
3.1.3 Indicadores de Rendibilidade.....	15
4. Questões de Investigação.....	16
5. Análise e discussão dos resultados.....	17
5.1. Indicadores de Estrutura Patrimonial.....	18
5.2. Indicadores de Funcionamento.....	25
5.3. Indicadores de Rendibilidade.....	29
6. Conclusões.....	35

7. Limitações e Recomendações.....	38
Referências bibliográficas.....	39
Bibliografia.....	39
Webgrafia.....	40
Legislação.....	41
Anexos.....	42

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS:

- APB: Associação Portuguesa de Bancos
- BBVA: Banco Bilbao Vizcaya Argentaria
- BCE: Banco Central Europeu
- BCP: Banco Comercial Português
- BES: Banco Espírito Santo
- BNP Paribas: Banco Nacional de Paris fundido com Paribas
- BPI: Banco Português de Investimento
- CA: Crédito Agrícola
- CE: Comissão Europeia
- CGD: Caixa Geral de Depósitos
- CTT: Correios de Portugal, S.A.
- FMI: Fundo Monetário Internacional
- MUS: Mecanismo Único de Supervisão
- RAI: Resultado Antes de Impostos
- RGICSF: Regime Geral das Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras
- RL: Resultado Líquido
- ROA: Return On Assets
- ROE: Return on Equity

ÍNDICE DE FIGURAS:

Figura 1: Caraterização Mercado Financeiro	5
--	---

LISTA DE TABELAS:

Tabela 1: Rácio de Estrutura do Ativo.....	18
Tabela 2 - Rácio de Financiamento do Ativo Financeiro	21
Tabela 3 - Rácio de Liquidez Reduzida	23
Tabela 4 - Rácio Margem de Negócio.....	25
Tabela 5 - Rácio de Margem Financeira	27
Tabela 6 - Rácio ROA.....	29
Tabela 7 - Rácio ROE.....	33

LISTA DE GRÁFICOS:

Gráfico 1 - Taxa de Inflação (em %), em Portugal	31
Gráfico 2 - Taxa PIB (em %), em Portugal	31
Gráfico 3 - Taxa de Desemprego (em %), em Portugal.....	32
Gráfico 4 - Taxa de Juro (em %), em Portugal	32

LISTA DE ANEXOS:

ANEXO 1 - Demonstração de Resultados 31/12/2018.....	43
ANEXO 2 - Demonstração de Resultados de 31/12/2019.....	44
ANEXO 3 - Demonstração de Resultados 30/06/2020.....	45

1. INTRODUÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Na última década podemos considerar que Portugal e o Mundo em geral sofreram grandes mudanças, mas que se encontravam a recuperar favoravelmente antes da pandemia que afetou todo o Mundo.

A paralisação da economia global gerou um impacto negativo que poderá demorar anos reverter inteiramente. Para isso caberá aos portugueses um novo esforço para relançar todo o sistema económico.

As previsões não são nada animadoras, antecipa-se como refere Sanches (2020) um aumento da taxa de desemprego, que no pior cenário poderá chegar a 13% (Sanches, 2020). De entre os setores mais atingidos, o Turismo apresenta uma vertiginosa desaceleração, setor que até 2019 representava um peso de 6,9% na economia portuguesa, fruto do encerramento de fronteiras, com a queda da circulação de turistas e a suspensão das viagens (Sanches, 2020). Ainda de acordo com a autora, o setor do Comércio foi fortemente afetado, em especial o do vestuário, com uma queda de 21,6%, comparando com o ano transato (Sanches, 2020).

Efetivamente, fazendo uma retrospectiva com a anterior Crise Económica de 2008, referiu Dombrovskis (2020) que Portugal se encontrava com uma estrutura económica mais forte e robusta o que o levava a crer que esta crise potenciada pela Covid-19 não seria comparável à vivenciada no ano de 2008 (Dombrovskis, 2020). Se por um lado a anterior crise nos trouxe novos ensinamentos para que não caíssemos nos mesmos erros é necessário considerar que Portugal se apresenta atualmente economicamente mais competitivo, o que não aconteceu na anterior crise, onde o país apresentava uma situação catastrófica de elevada dívida pública, com a concessão de crédito bastante comprometida, tendo a taxa de desemprego batido recordes.

Nesse contexto, foi necessário receber ajuda financeira internacional, através de um grupo de entidades constituídas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Central Europeu (BCE) e Comissão Europeia (CE), denominado Troika, e, por isso, foi bastante demorado e austero todo o processo que Portugal atravessou para abandonar o programa de resgate financeiro e cumprir todas as suas obrigações com os demais credores.

Desde sempre, os bancos tiveram um papel fundamental para o crescimento da economia e para a sua expansão, contudo encontra-se a eles associada uma visão negativa associada às altas comissões, da política monetária, entre outros fatores.

Atualmente, os serviços que os bancos oferecem à sociedade em geral foram-se alterando e readaptando às necessidades e exigências dos consumidores, incluindo, designadamente, depósitos, levantamentos, transferências de dinheiro para todo o mundo, pagamentos, concessão de diversos tipos de créditos ao consumidor e disponibilização de soluções de seguros para preservar os seus bens e a sua saúde. Estes serviços acabam por ser essenciais para o comércio e para as empresas, designadamente por financiarem as operações através de crédito e promoverem o investimento em *start-ups*, bem como por facilitarem as trocas comerciais através das várias opções de pagamento que disponibilizam.

Assim, o objetivo do presente trabalho é avaliar o primeiro impacto da pandemia Covid-19 no setor bancário em Portugal. Considerando que os dados estatísticos disponíveis das instituições financeiras aquando da execução da presente dissertação remontam a 30 de junho de 2020, tal permitirá avaliar os danos causados pela considerada primeira vaga da pandemia no setor bancário.

A motivação para o presente trabalho assenta no facto de ser um estudo bastante atual e, por isso, poderá ser um ponto de partida para futuras investigações que pretendam dar respostas relativas ao impacto da pandemia e antecipar as suas consequências. Por outro lado, uma vez que recorre a informações cientificamente válidas e fidedignas poderá ser um auxílio ao esclarecimento de dúvidas existentes na comunidade.

A metodologia tem por base uma análise quantitativa mediante o cálculo de indicadores económico-financeiros nos anos de 2018, 2019 e 1.º semestre de 2020.

A dissertação encontra-se dividida em seis capítulos partes. Sendo o capítulo 1 dedicado à introdução, que inclui o objetivo do trabalho e motivação. O capítulo 2 inclui uma apresentação teórica sobre o Setor Bancário, que engloba um enquadramento da dissertação, bem como a revisão da literatura. No capítulo 3 é exposta a metodologia que será utilizada para o estudo do trabalho e no capítulo 4 as questões de investigação. No capítulo 5 apresentam-se os principais resultados, e por fim, no

capítulo 6 e 7, respetivamente, as considerações finais e gerais do presente estudo e suas limitações.

2. REVISÃO DA LITERATURA

O presente capítulo destina-se à apresentação concetual do Sistema Bancário Português. Neste contexto, será abordado o modelo tal como o conhecemos nos dias de hoje. De seguida, apresentar-se-á a forma como se encontrava antes da pandemia e a forma como ficou na primeira vaga da pandemia Covid-19.

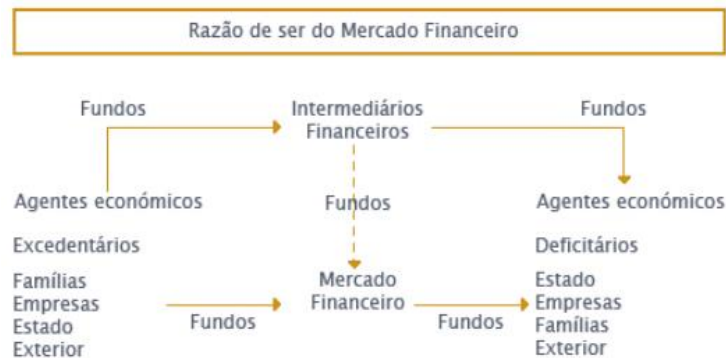
Este capítulo revê a literatura que serve de base ao enquadramento do presente trabalho.

2.1. Sistema Bancário Português

De acordo com a Associação Portuguesa de Bancos (APB), o sistema financeiro (ou bancário) abrange o conjunto de instituições financeiras que asseguram, essencialmente, a captação da poupança para o setor produtivo, ou seja, para o investimento, através da compra e venda de produtos e soluções financeiras presentes no mercado (Associação Portuguesa de Bancos, 2020).

Estas instituições asseguram um papel de intervenção entre os principais agentes económicos que, num momento se podem designar de aforradores e noutra circunstância, como investidores no circuito comercial (Associação Portuguesa de Bancos, 2020).

Figura 1: Caracterização Mercado Financeiro



Fonte: Associação Portuguesa de Bancos, 2020

Efetivamente, segundo fonte do Banco de Portugal, as instituições financeiras de acordo com o Regime Geral das Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras (RGICSF) dividem-se em dois importantes grupos de entidades:

- As Instituições de Crédito;
- As Sociedades Financeiras.

É importante considerar que ambos os grupos desempenham funções e atividades muito específicas e distintas como veremos já de seguida (Banco de Portugal, 2010).

São consideradas Instituições de Crédito todas as empresas cuja atividade compreende o recebimento de depósitos ou outro tipo de fundos com o intuito da concessão de crédito, bem como as empresas que realizam operações através de moeda eletrónica sob meios de transferências, depósitos, levantamentos de fundos e outras operações subjacentes (Decreto-Lei nº.91/2018, de 12 de novembro de 2018). Em relação aos tipos de Instituições de Crédito, destacam-se os Bancos, as Caixas de Crédito Agrícola, as Sociedades de Garantia Mútua, Sociedades de *Factoring*, Instituições de Moeda Eletrónica, entre outras (Associação Portuguesa de Bancos, 2020).

Por outro lado, as Sociedades Financeiras são todas as que não pertencem ao grupo acima mencionado, e que ao mesmo tempo exercem algumas das seguintes atividades: operações de crédito, emissão e gestão de outro tipo de meios de pagamento, transações sobre instrumentos do mercado monetário e cambial, consultoria e gestão de carteiras de valores mobiliários, bem como de outro tipo de

patrimónios (Associação Portuguesa de Bancos, 2020). Consideram-se Sociedades Financeiras todas as sociedades corretoras e de corretagem, as sociedades intermediárias dos mercados monetário ou de câmbios, as sociedades administradoras de fundos de investimento e de patrimónios e as agências de câmbios (Associação Portuguesa de Bancos, 2020).

Posto isto, na década de 60, o termo “Mercados Financeiros” surgiu intimamente ligado ao mundo de negócios em que este apenas se encontrava associado ao mercado das ações. No entanto, com o desenvolvimento do conceito acabou por se alargar a outros temas tais como o mercado monetário, mercado de capitais e mercado de valores mobiliários. Segundo, Adambekova e Andekina (2013) quando interpretamos o tema dos Mercados Financeiros, o termo pode ser dividido em três vertentes: *Monetary Concept*, *Capital Market* e *Segmented Concept* (Adambekova & Andekina, 2013). Onde, tendo em conta uma definição mais abrangente, os mercados financeiros estão associados a qualquer meio onde compradores e vendedores se encontram, de modo a realizarem trocas dos mais diversos ativos financeiros, tais como ações, obrigações.

Desta forma, de acordo com Nunes (2017), os mercados financeiros são um pilar no contexto de uma economia capitalista, uma vez que fornecem às empresas um acesso direto a financiamento e liquidez mais transparente, com mais oportunidades e bem mais lucrativas no ponto de vista dos empresários (Nunes, 2017).

Relativamente ao financiamento, de acordo com Ferreira (2008) as empresas podem proceder à emissão de dívida ou ceder parte do seu negócio a possíveis compradores, com o objetivo de maximização e criação de novos investimentos, reduzindo o risco que se encontra relacionado (Ferreira, 2008). Quanto à liquidez, esta caracteriza-se pela facilidade entre os compradores e os vendedores trocarem os seus ativos ou títulos de uma forma mais eficiente. Vejamos estes dois exemplos: os investimentos nas bolsas de valores (mercado com mais liquidez) em que é efetuado um grande volume de operações em contrapartida ao mercado imobiliário cujos ativos são vendidos de uma forma bastante mais lenta.

Por outro lado, como refere Nunes (2017), uma vez que o mercado está sujeito à lei da oferta e da procura, os mercados financeiros são muito voláteis, devido a diversos fatores, sendo alguns a taxa de desemprego, o Produto Interno Bruto (PIB) e a concorrência entre setores de atividade (Nunes, 2017).

Desde 1990, verificou-se um forte crescimento no setor bancário, tanto em Portugal como além-fronteiras.

Ora, a criação de novas sucursais, nomeadamente em concelhos com um índice populacional mais baixo, foi generalizada nas várias instituições bancárias até 2010 (Banco de Portugal, 2021). Desde então, após meados de 2012, verificou-se uma redução desse mesmo número, bem como do número de trabalhadores, caracterizando-se pelo predomínio de colaboradores com bastantes anos de experiência no setor (Banco de Portugal, 2021).

Por outro lado, de acordo com o Relatório de Estabilidade Financeiro de 2019, disponibilizado pelo Banco de Portugal, constata-se que ao longo dos últimos anos se verificou uma diminuição da margem financeira do presente setor, num contexto de redução das taxas de juro e de uma forte desaceleração do crédito (Banco de Portugal, 2019). Durante vários anos essa evolução foi sendo equilibrada com um aumento dos proveitos, como é o caso das comissões e de uma drástica redução de custos operacionais (Banco de Portugal, 2019).

Depois de anos de grande crescimento do crédito, a crise financeira e o ajustamento da economia portuguesa levaram a um aumento nos níveis de liquidez (Banco de Portugal, 2019).

Atualmente, em plena crise pandémica gerada pela Covid-19 este é um dos setores que não deverá desenvolver-se, uma vez que a atividade económica se encontra bastante reduzida e o nível de incerteza quanto ao futuro por parte das empresas e particulares contribui para o adiamento de decisões de investimento e de consumo.

2.2. O Papel da Moeda no Sistema Bancário

O mundo financeiro e bancário tem tido ao longo destas últimas décadas diferentes abordagens, conceitos e perspetivas e a era digital, obriga a que este seja cada vez mais competitivo, ágil, dinâmico e sobretudo que seja capaz de se adaptar à constante inovação.

Por isso, a criação da moeda veio facilitar em grande escala a atividade económica, uma vez que esta veio permitir que alguém transacione um produto sem que tenha de

receber em troca um produto semelhante (Associação Portuguesa de Bancos, 2020). Na verdade, a moeda e todo o sistema de pagamentos permitem que as empresas apostem na internacionalização, realizando negócios em qualquer parte do mundo, e que os particulares se desloquem sem entraves (Associação Portuguesa de Bancos, 2020).

Desta forma, permite também que os agentes económicos que possuam excesso de recursos, os canalizem para outros agentes económicos que deles necessitem. Esta operação, de transformação de poupança em investimento possibilita a obtenção de um rendimento no futuro, decorrente da aplicação de recursos, e, por outro lado, incrementa o investimento de quem necessita de financiamento, por via dessa poupança, para uma aposta no empreendedorismo e inovação (Associação Portuguesa de Bancos, 2020)

Assim, os bancos assumem uma função fundamental na intermediação financeira, isto é, recolhem a poupança de quem possui recursos em excesso e disponibilizam esses mesmos a quem deles necessita. Sem este circuito, a capacidade de investimento, tanto dos particulares como das empresas seria muito limitada (Associação Portuguesa de Bancos, 2020).

Assim, o sistema financeiro, e neste caso, os bancos, desempenham um papel importante no que diz respeito à utilização da moeda pelos agentes económicos, uma vez que de entre muitas vantagens se destaca o facto de assegurarem e facilitarem o fluxo dos sistemas de pagamentos, permitindo o desenvolvimento da economia global. É importante considerar que se não houvesse um sistema bancário bem estruturado e robusto não haveria a livre circulação da moeda, seria mais difícil a criação de mercados de bens e serviços, bem como a livre circulação de pessoas e bens (Associação Portuguesa de Bancos, 2020).

2.3. Supervisão e Regulação do Sistema Financeiro Português

A supervisão tem o objetivo de garantir a estabilidade, a robustez e o funcionamento eficiente do sistema financeiro, e consequentemente a regulação do sistema financeiro

previne a ocorrência de um evento não esperado que possa vir a afetar a estrutura do sistema financeiro no seu todo (Associação Portuguesa de Bancos, 2020).

Assim, a existência de um conjunto de normas e regulamentos implicará um maior controlo e uma maior necessidade de rigor pelas instituições financeiras, que é garantia de uma maior confiança no sistema financeiro por parte dos agentes económicos.

Por fim, tal como é defendido pelo Banco de Portugal “a existência de um sistema bancário não só português como também europeu que seja sólido e resiliente, e, devidamente regulado e sujeito a uma supervisão harmonizada e de elevada qualidade, é fundamental para garantir a confiança dos depositantes, a segurança dos fundos confiados às instituições e a correta alocação da poupança ao investimento produtivo, condição essencial para o crescimento sustentado da economia europeia” (Banco de Portugal, 2021). É importante salientar a importância da criação do Mecanismo Único de Supervisão (MUS) da responsabilidade do próprio BCE que visa garantir a segurança, integração e estabilidade do sistema financeiro a nível europeu bem como garantir uma coerente supervisão entre as instituições financeiras e o BCE.

2.4. Análise Económica e Financeira das Instituições Financeiras e os seus Instrumentos

Tendo em conta Medina (2010), além do conhecimento relativo à dimensão da empresa e ao setor de atividade em que a mesma se insere, temos de conhecer exatamente a situação financeira em que a mesma se encontra para que seja possível resolver qualquer tipo de problemas ao nível da gestão (Medina, 2010). Para isso, através do recurso a diversas técnicas e metodologias, com base na elaboração e análise do Balanço, das Demonstrações de Resultados e das Demonstrações de Fluxos de Caixa, é possível efetuar uma exaustiva análise com vista a perceber a real situação da empresa (Medina, 2010).

De acordo com Neves (2004) mediante a situação financeira da empresa é necessário responder a duas importantes questões:

- Em que medida a empresa possui adequados recursos financeiros para satisfazer as suas necessidades operacionais, ou terá a possibilidade de mediante a obtenção de recursos assegurar o cumprimento dos seus objetivos perante terceiros?
- Qual a capacidade que a empresa tem para gerar rendimentos, dando assim satisfação a todos os intervenientes do circuito e assegurando continuidade e expansão da sua atividade? (Neves, 2004).

Em relação às questões supracitadas a primeira refere-se ao estudo da situação financeira, ou seja, diz respeito aos rácios de equilíbrio financeiro, de liquidez e de solvabilidade. A segunda questão prende-se com uma análise à empresa do ponto de vista económico, tendo como ponto de partida a eficiência da empresa a estudar, ou seja, em termos de rentabilidade e produtividade.

Assim, a análise financeira representa, segundo Martins (2002) “a realização de uma *“radiografia” da empresa, numa perspetiva de evolução temporal, detetando pontos fortes e fracos e propondo medidas que ultrapassem possíveis fraquezas detetadas*” (Martins, 2002, p. 20).

Para a realização de uma análise financeira é fundamental ter acesso aos principais documentos contabilísticos da entidade que estamos a investigar, e mediante essa informação, com o auxílio de algumas técnicas, nomeadamente um estudo dos rácios, realizar a supramencionada análise. Esta análise financeira permitirá perceber a viabilidade, estabilidade e capacidade de gerar lucro de uma empresa. Permitirá também antecipar eventuais erros e potenciais impactos no desempenho futuro da empresa.

Para isso, os analistas financeiros realizam a sua análise através do estabelecimento de relações entre rúbricas do Balanço e de Demonstração de Resultados, bem como outros dados pertinentes sobre a estrutura económico–financeira com o intuito de avaliar a *performance* presente e futura da entidade a analisar (Jornal Economia & Finanças, 2018).

Neste contexto, o Balanço é, segundo Neves (2012), um documento que expressa a estrutura patrimonial da empresa em determinado espaço temporal, e é neste que se faz referência aos bens e direitos da entidade – o chamado ativo -, às obrigações – o passivo – e ao valor líquido – o capital próprio (Neves, 2012). Financeiramente, o

passivo e o capital próprio dizem respeito à proveniência de fundos e o ativo é tudo o que poderá ser suscetível de ser avaliado monetariamente (Neves, 2012).

Por sua vez, a Demonstração de Resultados, segundo Mações (2014), *“mostra a atividade desenvolvida pela empresa num determinado período de tempo e traduz a sua situação económica. A demonstração dos resultados mostra os rendimentos e gastos da organização durante o período de tempo a que diz respeito, usualmente um ano, mas pode reportar-se a períodos mais curtos, designadamente três meses ou um mês* (Mações, 2014, p. 342). A diferença entre ambos corresponderá ao Resultado Líquido do período a que nos encontramos a analisar.

Devido à crise em que a economia portuguesa se encontra provocada pela pandemia por Covid-19 é fundamental proceder à realização de uma análise económico-financeira com o intuito de avaliar a situação em que as instituições financeiras se encontravam antes da pandemia, bem como na primeira vaga, e, assim, antever os potenciais danos na estrutura das mesmas.

Por isso, tornou-se pertinente diagnosticar mediante uma ótica económica e financeira a forma como os diversos bancos se têm vindo a comportar, para que seja possível delinear eixos para que o futuro da sustentabilidade e estabilidade dos mesmos não seja comprometida.

Tendo em conta todas as constantes mutações, desde estados de emergência a estados de confinamento geral, as empresas e as instituições financeiras tiveram de se adaptar para que sobrevivessem no mercado. Resumindo, é importante proceder a uma avaliação ao desempenho económico e financeiro, uma vez que esta é que dará informação da robustez em que se encontram e de qual será o rumo a tomar para um futuro viável.

Nesse sentido, o objetivo principal do presente trabalho como já foi outrora mencionada é o de avaliar mediante os dados disponíveis até ao momento o primeiro impacto que a pandemia de Covid-19 abalou o setor.

Para isso, recorrendo a técnicas e instrumentos, ou seja, aos indicadores de estrutura, de funcionamento e de rendibilidade vão permitir um auxílio para diagnosticar qualquer desaceleração no setor o que permitirá a adoção de estratégias para a combater.

3. METODOLOGIA

Para uma melhor avaliação do impacto causado pela pandemia Covid-19 no setor bancário é necessário termos em conta vários indicadores financeiros que serão analisados, numa primeira fase, de forma individualizada e, posteriormente, de forma conjunta para que se possa retirar as devidas conclusões para a avaliação da performance bancária.

Na verdade, o setor bancário é um dos principais motores de desenvolvimento e de estabilidade económica e financeira de cada país, por isso é necessário perceber o comportamento que este setor apresenta para que sejam tomadas decisões conscientes evitando-se assim situações anormais no circuito económico, bem como proporcionar o crescimento económico orientado pelas políticas monetárias.

Oliveira (2016) afirma que a avaliação e a gestão do risco são pontos extremamente importantes para demonstrar a performance dos diferentes bancos (Oliveira, 2016). Contudo é necessário que exista um bom índice e relação de confiança relativa ao cliente como ao desempenho dos bancos que se encontra bastante relacionado com a estabilidade política e macroeconómica, bem como com a flutuação do mercado e com o comportamento dos principais agentes da sociedade (Oliveira, 2016).

Assim, o setor bancário tem de assumir um papel de responsabilidade, de robustez, de modernidade, que transmita confiança e deverá revelar-se competitivo, para que se promova a estabilidade financeira e o desenvolvimento económico sustentável e duradouro (Oliveira, 2016).

3.1. Apresentação dos Indicadores de Gestão Bancária

Desta forma, de acordo com o Boletim Informativo n.º 45 da Associação Portuguesa de Bancos consideram-se os seguintes tipos de indicadores de Gestão Bancária: Indicadores de Estrutura Patrimonial, Indicadores de Funcionamento e Indicadores de Rendibilidade, que permitirão avaliar a performance das instituições bancárias (Associação Portuguesa de Bancos, 2010).

3.1.1 Indicadores de Estrutura Patrimonial

- Estrutura do Ativo

$$\frac{\text{Peso do Crédito}}{\text{Clientes no Ativo Bruto}} \times 100$$

De acordo com o Boletim Informativo nº 34 da Associação Portuguesa de Bancos, este rácio dá-nos a ideia da exposição ao risco dos ativos e encontra-se sempre em relação direta com a rentabilidade (na atividade bancária o crédito constitui, em princípio, o ativo mais rentável) (Associação Portuguesa de Bancos, 2004). Este assume valores entre 0% e 100%, quanto mais próximo de 100% indicar-nos-á um maior risco, mas ao mesmo tempo uma maior rentabilidade.

- Financiamento do Ativo Financeiro

$$\frac{\text{Passivo Financeiro}}{\text{Ativo Financeiro}} \times 100$$

O presente rácio indica o nível de financiamento entre o passivo financeiro e o ativo financeiro (Associação Portuguesa de Bancos, 2004).

Este indicador deverá assumir valores até 100%, porque quando se encontra acima significa que o passivo financeiro se encontra a financiar o ativo financeiro o que traz implicações negativas para as instituições, nomeadamente na margem financeira, na margem de negócio e até na própria rentabilidade.

- Liquidez reduzida

$$\frac{\text{Caixa e Depósitos em Bancos Centrais}}{\text{Passivo Financeiro Corrente}}$$

Tendo em conta o Boletim Informativo nº. 34 da Associação Portuguesa de Bancos, este é um indicador sensível ao valor e à estrutura dos coeficientes de reserva mínima legal bem como da respetiva base de incidência, pelo que qualquer agravamento provocará uma mesma variação no indicador. Em relação à denominação de "reduzida", esta advém do facto de não incluir todas as disponibilidades e refere-se à capacidade de a empresa solver os seus compromissos de curto-prazo (Associação Portuguesa de Bancos, 2004).

Este rácio traduz a capacidade da empresa/banco de fazer face às suas responsabilidades no curto prazo.

Assim, o valor desejável para este indicador é de 1, contudo quando se apresenta com um valor superior considera-se que a instituição revela uma excelente capacidade de liquidez para fazer face às suas responsabilidades e compromissos.

3.1.2 Indicadores de Funcionamento

- Margem de Negócio:

$$\frac{\textit{Produto Bancário}}{\textit{Ativos Financeiros}} \times 100$$

A margem de negócio traduz a receita total obtida por parte de um banco e a relação com os seus ativos.

Este indicador deverá desejavelmente apresentar valores acima de 1% que significará que a instituição está a fazer uma boa gestão de despesas e terá capacidade para obter maiores margens (Garcia, 2019).

- Margem Financeira:

$$\frac{\textit{Resultado Financeiro}}{\textit{Ativo Financeiro}} \times 100$$

É um indicador bastante utilizado a nível bancário em que o resultado financeiro é a diferença entre os juros cobrados pela concessão de créditos a empresas e famílias e os juros pagos aos aforradores pelos montantes que confiam às instituições bancárias. Efetivamente é desejável que para este indicador se assumam valores acima de 1%.

3.1.3 Indicadores de Rendibilidade

- Rendibilidade do Ativo/ROA:

$$\frac{\textit{Resultado Líquido}}{\textit{Ativo Líquido}} \times 100$$

Este indicador reflete a capacidade de um banco utilizar os seus ativos para a obtenção de lucros.

Assim de acordo com a informação disponibilizada compreende-se que quando um ROA é elevado significará que os ativos da empresa estão a ser bem utilizados e a gerar bons resultados (Portal de Gestão, 2009). Em caso contrário, poderá indicar que o banco assume um elevado grau de despesas e não está a conseguir fazer face às suas obrigações.

- Rendibilidade dos Capitais Próprios/ROE

$$\frac{\textit{Resultado Líquido}}{\textit{Capitais Próprios}} \times 100$$

O rácio de Rendibilidade dos Capitais Próprios/ROE mede o rendimento obtido por cada unidade de capitais próprios (Associação Portuguesa de Bancos, 2004). Quanto mais elevado for o ROE maior é a sua vantagem competitiva no mercado e mais investidores irá atrair.

4. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Desta forma, a minha investigação na dissertação seguirá primeiramente a seguinte linha orientadora: perceber o impacto que o Covid-19 trouxe ao setor bancário e futuramente quais as tendências que lhe estão explícitas, ou seja, o que trouxe ao setor de mais-valia para o futuro e quais serão as conclusões que poderei retirar daí.

Assim, neste contexto a questão central de investigação é:

“Qual o impacto da COVID-19 no desempenho económico e financeiro do setor bancário português?”

Para a concretização do objetivo geral, consideram-se os seguintes objetivos secundários:

- Recolher dos indicadores económicos e financeiros nos relatórios e contas (trimestrais e finais) dos bancos portugueses dos últimos três exercícios;
- Efetuar uma análise qualitativa dos indicadores;
- Analisar as medidas da Covid-19 tomadas pelas autoridades legais para o setor bancário;
- Refletir sobre impacto da COVID-19 já verificado na performance dos indicadores económicos e financeiros dos bancos portugueses.

Considerando do cenário de crise associado à pandemia COVID-19, esperamos que o impacto negativo no dinamismo económico se tenha feito sentir também no setor bancário, sendo que analisamos aqui os efeitos da primeira vaga da pandemia.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após uma apresentação do setor bancário português e da metodologia a aplicar nesta dissertação, no presente capítulo é exposta a evolução de cada indicador de gestão bancária calculado entre as maiores Instituições Financeiras a operar em Portugal.

Este capítulo é dividido pelas três categorias de indicadores de gestão bancária apresentados: os de Estrutura Patrimonial, os de Funcionamento e os de Rendibilidade, sendo descrita a variação em cada rácio económico-financeiro, e as causas dessas variações, em cada intervalo de tempo, 2018 -1.º semestre de 2020.













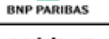

Os rácios aqui analisados foram eleitos em detrimento de outros, com o objetivo de analisar as componentes financeiras essenciais na gestão bancária. Também é importante realçar que a escolha se encontrou associada ao facto de serem aptos para comparação entre bancos, de modo a permitir a inclusão de indicadores de gestão essenciais na avaliação da performance dos bancos.

Todos os dados estatísticos foram retirados da Associação Portuguesa de Bancos, nomeadamente dos Boletins Estatísticos Anuais de 2018 e 2019, que fazem referência às Demonstrações de Resultados e Balanços das instituições individuais datadas de 31/12/2018 e 31/12/2019, respetivamente. Da mesma plataforma foram também retirados os dados relativos ao primeiro semestre de 2020 (30/06/2020), os dados mais recentes que se encontravam disponíveis para consulta à data da realização do presente trabalho. Não obstante não termos informação completa relativa ao ano de 2020, consideramos que os dados em causa permitem avaliar o primeiro impacto da pandemia COVID-19, no setor bancário em Portugal.

5.1. Indicadores de Estrutura Patrimonial

Refira-se, a título preliminar, que por falta de dados disponíveis em relação à rubrica de Empréstimos no ano de 2020 não me foi possível clarificar o impacto da pandemia Covid-19 no rácio de estrutura do ativo, pelo que apresento apenas os cálculos relativos a 2018 e 2019, que traduzem o cenário prévio à pandemia (tabela 1).

Tabela 1: Rácio de Estrutura do Ativo

	2018	2019	Varição 2018-2019 em %
 Eurotic	62,47%	64,79%	3,71%
 Millennium	59,68%	56,78%	-4,86%
 ActivoBank	84,67%	70,41%	-16,84%
 bancoctt	36,41%	29,68%	-18,48%
 CA Crédito Agrícola	23,78%	51,04%	114,63%
 Banco Montepio Valores que crescem sempre.	63,94%	56,07%	-12,31%
 CGD	55,85%	53,12%	-0,27%
 NOVO BANCO ¹	53,27%	52,52%	-1,41%
 BPI	61,89%	73,93%	19,45%
 credibom CREDIT PORTUGAL GROUP	81,64%	77,59%	-4,96%
 Santander Totta	65,27%	64,56%	-1,09%
 BBVA	73,61%	78,85%	7,12%
 bankinter.	93,29%	87,26%	-6,46%
 BNP PARIBAS	25,69%	23,62%	-7,75%
Média Total em %	60,10%	60,02%	-0,13%

Fonte: Elaboração do Autor com base em informação dos Boletins Estatísticos Anuais da APB.

O rácio de estrutura do ativo, mostra-nos a relação entre o crédito concedido a clientes (empréstimos) e o ativo total, dando-nos a informação do peso do crédito sobre os

clientes, e, por conseguinte, auxilia aquando na análise ao risco dos ativos das instituições bancárias.

Como se pode verificar no quadro acima, o rácio de estrutura do ativo no ano de 2018 apresentou uma média de 60,10%. O Eurobic, o ActivoBank, o Banco Montepio, o BPI, o Credibom, Santander Totta, BBVA e Bankinter encontravam-se com o melhor desempenho, revelando um maior peso no crédito concedido a clientes, quando comparado com a média. Em contrapartida, o Crédito Agrícola e o BNP Paribas apresentaram o pior desempenho de entre a amostra.

No ano de 2019 este rácio apresentou uma média de 60,02%, ou seja, muito idêntica à do ano anterior. Destaca-se o Banco Montepio que teve uma diminuição em 7,87 pontos percentuais, em que uma das causas se encontra associada a uma diminuição do crédito a clientes e a um aumento significativo do ativo bruto. Por outro lado, o BNP apresentou o desempenho mais baixo com menos 2,07 pontos percentuais relativamente ao ano transato.















Podemos considerar que entre os períodos de 2018 e 2019 a evolução deste indicador foi negativa no caso do Millennium BCP, do ActivoBank, do Banco CTT, Montepio, CGD, Novo Banco, Credibom, Santader Totta, Bankinter e BNP Paribas, enquanto que se mostrou positiva no caso do banco Eurobic, Crédito Agrícola, BPI e BBVA.

Pressupõe-se que o crédito concedido a clientes é o fator primordial e mais rentável das instituições financeiras levando a que estas procurem sempre atrair mais clientes para este tipo de negócio. Por isso, relativamente à variação deste indicador nos períodos 2018-2019 considera-se que o Crédito Agrícola foi a instituição que demonstrou o melhor desempenho. Este bom desempenho estará associado como refere Lício Pina, presidente do grupo Crédito Agrícola, a uma evolução positiva da economia portuguesa e por estrategicamente apostarem na concessão de crédito e reforço do seu apoio ao setor agrícola, e ainda pela dinamização do seu apoio no âmbito da economia social em diversas regiões. Realça-se ainda que a mesma no presente ano afirma-se como a instituição financeira com mais sucursais em todo o país o que se traduz num maior reconhecimento e no seu contínuo desenvolvimento de negócio (Pina, 2020).

Por outro lado, surge o Banco CTT com o pior desempenho para este indicador relativamente à variação entre os dois períodos, sendo que uma das causas que

poderá estar na origem deste baixo desempenho será por este ainda ser visto na sociedade como a entidade CTT com o seu serviço de correio e por ser uma instituição financeira recente, visto esta ter sido constituída em 2015. Outro fator igualmente importante, como refere Luís Coutinho, presidente da instituição bancária, é aquisição da 321 Crédito, uma instituição financeira especializada na concessão de crédito ao consumo que irá alavancar brevemente o negócio bancário e alavancando uma nova estratégia de negócio para este (Coutinho, 2019).

Tabela 2 - Rácio de Financiamento do Ativo Financeiro

	2018	2019	2020	Variação 2019-2020 em %
 Carolla	101,18%	100,06%	100,43%	0,37%
 Millennium	107,84%	111,64%	110,54%	-0,96%
 ActivoBank	107,54%	100,87%	103,92%	3,02%
 bancoctt	108,20%	107,36%	106,67%	-0,64%
 CA Credito Agrario	109,18%	113,19%	135,77%	19,95%
 Banco Montepio Nunca por instantes esqueça	111,67%	106,62%	106,32%	-0,28%
 CGD	101,37%	101,64%	102,74%	1,08%
 NOVO BANCO ¹	106,27%	104,85%	106,60%	1,67%
 BPI	99,39%	93,34%	104,00%	11,42%
 credibom Credito Agrario	98,0%	98,84%	96,02%	-2,85%
 Santander Totta	99,57%	100,64%	107,30%	6,62%
 BBVA	102,90%	101,30%	99,11%	-2,16%
 bankinter	101,11%	107,61%	105,71%	-1,77%
 BNP PARIBAS	191,37%	193,0%	159,83%	-17,19%
Média Total em %	110,40%	110,07%	110,35%	0,25%

Fonte: Elaboração do Autor com base em informação dos Boletins Estatísticos Anuais da APB.

Relativamente ao rácio de financiamento do ativo (tabela 2) no ano de 2018 este rácio apresentou uma média de 110,40%. Tal como podemos verificar no quadro acima, apenas o Banco Montepio e o BNP Paribas se encontravam acima desse valor, permitindo-nos constatar que estas instituições apresentavam um menor volume do seu ativo financeiro em relação ao passivo financeiro o que implica um elevado endividamento. Por outro lado, o BPI, o Credibom e Santander Totta apresentaram os valores mais baixos, inferiores a 100%, o que indica que os montantes que as próprias instituições financeiras têm de pagar são efetivamente inferiores às que têm de receber.

Em relação ao ano de 2019, nota-se que houve um decréscimo, embora que reduzido neste rácio o que revela uma evolução favorável, com uma média de 110,07%.











Destacam-se as seguintes instituições que se mantiveram acima desse valor: o Millennium BCP, o Banco CTT, o Crédito Agrícola, o Montepio, o Novo Banco, o Bankinter e o BNP Paribas, que mesmo com a tendência de diminuição média ainda se encontram acima do que é desejável para este indicador. Já o BPI e o Credibom foram os bancos com o melhor desempenho neste ano.

Por fim, no primeiro semestre de 2020 mostra um ligeiro aumento face ao período homólogo com uma média de 110,35%, o que denota uma evolução negativa global, face a 2019. Porém, nem todas as instituições apresentaram a mesma tendência, sendo que metade das instituições viram o desempenho melhorado neste indicador (taxa de crescimento negativa), quando comparado com o ano transato.

Aquando de uma análise da taxa de crescimento entre o ano de 2019 e o primeiro semestre de 2020 verifica-se uma taxa de crescimento positiva nas seguintes instituições financeiras: Millennium BCP, Banco CTT, Banco Montepio, Credibom, BBVA, Bankinter e BNP Paribas.

Da comparação evolutiva entre o período prévio à pandemia (2019) e o primeiro semestre de 2020, traduzido pela taxa de crescimento concluiu-se que a taxa de crescimento média aumentou, o que traduz um pior desempenho do setor neste indicador, que indica uma evolução não desejável pelas razões já mencionadas. Certo é que a generalidade das instituições apresentarem valores acima de 100%, quer antes quer depois da pandemia, o que levanta algumas preocupações a nível estrutural.

Tabela 3 - Rácio de Liquidez Reduzida

	2018	2019	2020	Variação 2019-2020 em %
	0,10	0,09	0,09	0%
	0,04	0,08	0,07	-12,50%
	0,13	0,07	0,11	57,14%
	0,15	0,11	0,10	-9,09%
	0,07	0,11	0,26	136,36%
	0,10	0,06	0,05	-16,67%
	0,08	0,10	0,10	0%
	0,02	0,04	0,07	75,0%
	0,07	0,04	0,12	200%
	0,06	0,08	0,05	-37,50%
	0,05	0,07	0,14	100,0%
	0,08	0,08	0,06	-25,0%
	0,02	0,07	0,05	-28,57%
	0,73	0,34	0,31	-8,82%
Média Total	0,12	0,10	0,11	10,0%

Fonte: Elaboração do Autor com base em informação dos Boletins Estatísticos Anuais da APB.

O rácio de liquidez reduzida inserido no grupo dos indicadores de estrutura patrimonial dá-nos a informação sobre a estabilidade a nível financeiro das instituições financeiras a curto prazo, divulgando nesse espaço temporal a capacidade que o banco terá para cumprir as suas obrigações.

Como consta da tabela 3, no ano de 2018 a média de liquidez para o setor encontrava-se em 0,12, apresentando valores muito díspares entre instituições, tendo o BNP Paribas atingido o valor de 0,73, demonstrando a sua forte capacidade no que concerne às suas obrigações com os demais credores, e no outro extremo o destacando-se o Bankinter e o Novo Banco com igual valor de 0,02.

Em relação ao ano de 2019, a média diminui comparativamente ao ano transato para este indicador, situando-se em 0,10. Neste indicador apenas o Banco CTT, o Crédito

Agrícola, a Caixa Geral de Depósitos e o BNP Paribas apresentaram melhor desempenho do que a média. Nesse ano o banco BPI e o Novo Banco foram os que apresentaram o pior desempenho do conjunto de instituições com um valor de 0,04, diminuindo 0,02 pontos quando comparado com o ano transato.















Por fim, no ano de 2020 o rácio aumenta, embora de forma pouco expressiva, quando comparado com o ano de 2019, situando-se em 0,11, o que nos leva a ter uma perceção relevante da tendência positiva neste indicador.

Da análise da taxa de crescimento entre o ano 2019 e o primeiro semestre de 2020, notamos que mais de metade das instituições (Millennium BCP, Banco CTT, Banco Montepio, Credibom, BBVA, Bankinter e BNP Paribas) revelaram uma queda neste indicador, quando analisamos a variação da taxa de crescimento, mas mesmo assim otimistas, uma vez que demonstram ser capazes de garantir o cumprimento dos seus compromissos. Destaca-se ainda uma variação neutra no caso do Eurobic e da Caixa Geral de Depósitos e um aumento no caso do ActivoBank, Crédito Agrícola, Novo Banco, BPI e Santander Totta.

Assim, de acordo com a tabela acima podemos considerar que de uma forma geral a instituição financeira mais penalizada foi o Credibom e a menos penalizada foi o Crédito Agrícola devido à situação pandémica que o país se encontra a atravessar. É importante referir que uma das medidas complementares do BCE neste contexto de pandemia foi o alargamento de um programa de compra de ativos e criação de um novo programa no valor de €750 mil milhões para auxiliar as tesourarias das pequenas e microempresas.

5.2. Indicadores de Funcionamento

Tabela 4 - Rácio Margem de Negócio

	2018	2019	2020	Varição 2019-2020 em %
 Eurobic	2,82%	3,18%	1,14%	-64,15%
 Millennium	3,03%	2,83%	1,23%	-56,54%
 ActivoBank	1,92%	1,78%	0,95%	-46,63%
 bancoctt	1,27%	1,59%	0,86%	-45,91%
 CA Credito Agrícola	0,80%	0,88%	0,81%	-7,95%
 Banco Montepio Nunca sem o mesmo sentido.	2,48%	2,60%	0,93%	-64,23%
 CGD	1,93%	2,06%	0,91%	-55,83%
 NOVO BANCO	1,38%	1,22%	0,02%	-98,36%
 BPI	0,44%	2,57%	1,14%	-55,64%
 credibom Banco Agrícola do Alentejo	4,41%	4,73%	2,35%	-50,32%
 Santander Totta	2,35%	2,59%	1,33%	-48,65%
 BBVA	2,33%	2,14%	0,93%	-56,54%
 bankinter	1,68%	1,54%	0,75%	-51,30%
 BNP PARIBAS	23,24%	33,09%	18,57%	-43,88%
Média Total em %	3,58%	4,49%	2,28%	-49,22%

Fonte: Elaboração do Autor com base em informação dos Boletins Estatísticos Anuais da APB.

No que diz respeito à Margem de Negócio (tabela 4) este indicador caracteriza-se como sendo a relação entre o produto bancário e os ativos financeiros.

No ano de 2018 do conjunto de instituições a média para este indicador foi de 3,58% em que apenas o Credibom e o BNP Paribas se encontravam acima. Por outro lado, o BPI e a Caixa Agrícola registaram o valor mais baixo, ou seja, o pior desempenho para o ano em causa, sendo o seu ativo superior ao produto bancário.

Em relação ao ano de 2019 para este rácio a média situou-se em 4,49%, verificando-se uma tendência de crescimento, tendência observada para o Eurobic, Banco CTT,

Crédito Agrícola, Banco Montepio, CGD, BPI, Credibom, Santander Totta e BNP Paribas. De acordo com os dados divulgados pela APB, no Boletim Informativo de 2019, as comissões praticadas pelos bancos rondaram os 30%, sendo que as comissões líquidas são cada vez mais o potencial gerador de lucro do indicador, através do aumento do produto bancário.















Por fim no ano de 2020, este indicador apresenta uma descida abrupta na sua média concentrando-se em 2,28% que significa uma queda comparativamente ao ano transato de 2,21 pontos percentuais, que deverá estar associada à crise pandémica instalada no país. É de referir que o Novo Banco apresentou o pior desempenho da Margem de Negócio, enquanto que o BNP Paribas apresenta o melhor desempenho.

De acordo com a tabela 5, aquando da análise da taxa de crescimento entre 2019 e o primeiro semestre de 2020 todas as instituições bancárias apresentaram uma evolução negativa associada a uma redução do produto bancário e, por isso foi necessário um grande reforço da rúbrica de imparidades.

Concluindo, esta análise ainda não demonstra o total impacto sentido na atividade financeira, contudo temos já a perceção de que de entre as instituições financeiras analisadas o Crédito Agrícola foi a instituição que ao longo do tempo conseguiu estabilizar a sua margem de negócio. É possível ainda verificar o caso Novo Banco a sua desaceleração económica e financeira contínua desde 2018 atingindo em 2020 um agravamento significativo fruto das polémicas vendas dos seus ativos herdados do BES que geraram perdas significativas para a instituição quando confrontados com o seu produto bancário.

Evidentemente que a evolução da crise económica levou a um agravamento do custo do risco, tendo as imparidades para créditos sido reforçadas no semestre antecipando-se maiores perdas relacionadas com a pandemia Covid-19 e com isto, conseguimos desde já perspetivar que o volume de negócios se encontra ao longo deste tempo em desaceleração económico-financeira.

Tabela 5 - Rácio de Margem Financeira

	2018	2019	2020	Variação 2019-2020 em %
 Eurobic	1,99%	1,92%	0,96%	-50,0%
 Millennium	1,73%	1,74%	0,74%	-57,47%
 ActivoBank	0,34%	0,97%	0,62%	-36,08%
 bancoctt	0,96%	1,08%	0,56%	-48,15%
 CA Crédito Agrícola	0,58%	0,60%	0,28%	-53,33%
 Banco Montepio Núcleo que cresce contigo.	1,59%	1,20%	0,57%	-52,50%
 CGD	1,21%	1,12%	0,48%	-57,14%
 NOVO BANCO [†]	1,20%	1,42%	0,73%	-48,59%
 BPI	1,34%	1,48%	0,69%	-53,38%
 credibom BANCA ASSOCIADA UNIBAN	3,53%	3,80%	2,00%	-47,37%
 Santander Totta	1,67%	1,67%	0,77%	-53,89%
 BBVA	1,09%	1,22%	0,83%	-31,97%
 bankinter.	1,11%	0,98%	0,49%	-50,0%
 BNP PARIBAS	1,36%	1,18%	0,61%	-48,31%
Média Total em %	1,41%	1,46%	0,74%	-49,32%

Fonte: Elaboração do Autor com base em informação dos Boletins Estatísticos Anuais da APB.

A margem financeira engloba a principal fonte de proveitos das instituições financeiras, uma vez que é nos juros e comissões praticadas a origem da sua remuneração.

De acordo com a tabela 5, no ano de 2018 é de salientar que as mais altas margens financeiras foram observadas nas instituições: Eurobic, Millennium BCP, Banco Montepio, Credibom e Santander Totta, uma vez que apresentam valores para o indicador superiores à média de 1,41% para o presente ano. Isto revela um aumento dos depósitos dos clientes e por sua vez, um aumento das taxas de juro aplicadas bem com a um aumento do produto bancário, o que se verifica pelo constante

desenvolvimento dos mercados financeiros e sobretudo pela dinamização e comercialização de novas soluções para os seus clientes.















Em 2019 nota-se uma tendência de crescimento no indicador, uma vez que se regista uma média de 1,46% que comparativamente ano transato sobe ligeiramente (0,05 pontos percentuais).

No 1.º semestre de 2020 verifica-se que a média diminuiu para 0,74%, em que com um desempenho positivo neste indicador se destacam positivamente em relação à média o Eurobic, Millennium BCP, Credibom, Santander Totta e BBVA. O Credibom encontra-se na tabela com um valor superior para este indicador em comparação com os restantes bancos, apesar dos depósitos terem diminuído e as taxas dos mesmos terem aumentado o mesmo conseguiu embolsar rendimentos de outros tipos de investimentos e atividades. Contrariamente o Crédito Agrícola apresenta-se com o valor mais baixo de todos, e uma das causas que poderá estar na base deste acontecimento será uma menor concessão de créditos e a um aumento das taxas de juro.

Como podemos ver na tabela 5, ao longo dos três anos verifica-se uma heterogeneidade de valores no indicador, notando-se uma diminuição acentuada em todas as instituições bancárias quando comparado o ano de 2019 com o 1.º semestre de 2020. Evidencia-se uma tendência de desenvolvimento negativa em todas as instituições em análise, sendo a instituição com melhor desempenho relativo na taxa de crescimento o BBVA e com o pior desempenho o Millennium BCP, devido à atual conjuntura económica provocada pela pandemia.

5.3. Indicadores de Rendibilidade

Tabela 6 - Rácio ROA

	2018	2019	2020	Varição 2019-2020 em %
 Caixa	2,53%	2,85%	1,02%	-64,21%
 Millennium	2,46%	2,23%	0,99%	-55,61%
 ActiveBank	1,65%	1,64%	0,84%	-48,78%
 bancoctt	1,04%	1,22%	0,70%	-42,62%
 CA Credito Agricola	0,70%	0,73%	0,56%	-23,29%
 Banco Montepio	2,00%	2,22%	0,79%	-64,41%
 CGD	1,67%	1,77%	0,79%	-55,37%
 NOVO BANCO ¹	1,16%	1,04%	0,01%	-99,04%
 BPI	3,97%	2,42%	1,00%	-58,68%
 credibom	4,06%	4,30%	2,19%	-49,07%
 Santander Totta	2,17%	2,34%	1,13%	-51,71%
 BBVA	2,08%	1,90%	0,85%	-55,26%
 bankinter	1,62%	1,41%	0,70%	-50,35%
 BNP PARIBAS	10,77%	14,63%	8,94%	-38,90%
Média Total em %	2,71%	2,91%	1,47%	-49,48%

Fonte: Elaboração do Autor com base em informação dos Boletins Estatísticos Anuais da APB.

A rendibilidade do ativo é medida através da relação entre o resultado líquido e o total do ativo líquido e indica-nos a capacidade de gerar resultados dos ativos de uma instituição. Um ROA baixo poderá indicar, por exemplo, que o banco tem despesas operacionais em excesso, encontrando-se na tabela 6 os resultados deste indicador.

Segundo Silva (2017) existe ainda os fatores macroeconómicos que afetam as instituições bancárias em termos da sua rendibilidade, que constitui como exemplo a taxa de inflação, a taxa de juro, o PIB e ainda a taxa de desemprego (Silva, 2017).

No ano de 2018 registou-se uma média para este indicador de 2,71% em que apenas o BPI, Credibom e BNP Paribas se encontram com um melhor desempenho, uma vez que tiveram a capacidade de concretização de bons negócios refletidos nos seus resultados líquidos, por outro lado o Crédito Agrícola apresentou o pior desempenho relativo neste ano.

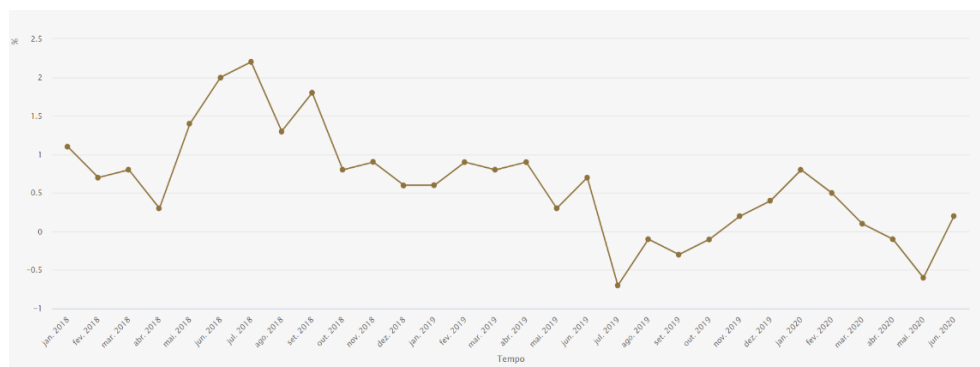
No ano de 2019 houve um ligeiro aumento para o indicador, registando-se uma média de 2,91%, sendo notório que em quase todas as instituições houve, um aumento, embora que ligeiro, fruto do aumento do total de empréstimos e dos capitais próprios.

As instituições bancárias apresentaram resultados bem heterogéneos no 1.º semestre de 2020, com uma média de 1,47%, menor do que a verificada no ano anterior. O BNP Paribas destacou-se pelo melhor desempenho relativo e o Novo Banco o pior. Contudo, no que diz respeito ao contexto macroeconómico em que estas se inserem, também influenciado pela pandemia a análise efetuada comprovou a influência negativa que a queda do PIB português, o aumento da taxa de desemprego e o aumento ainda que ligeiro da taxa de inflação tiveram na rendibilidade dos bancos.

Em relação às taxas de juro que desde junho de 2019 se mostraram com uma queda significativa mantendo-se estável até março de 2020, começando novamente a subir fruto de uma possível seletividade na concessão de crédito, sendo que taxas de juro muito baixas têm um grande impacto na atividade bancária (Banco de Portugal, 2021). A evolução destes indicadores, retirados do Banco de Portugal, encontra-se representada nos gráficos *infra*.

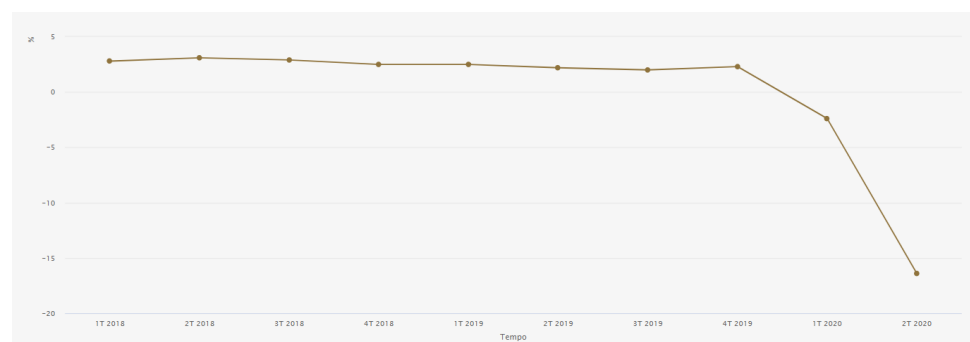
Relativamente, à taxa de crescimento entre o ano 2019 e o primeiro semestre de 2020 de entre os bancos mais afetados, destaca-se o Novo Banco em contrapartida ao Crédito Agrícola que foi o menos penalizado. Prevê-se que esta crise continue a ter um grande impacto na rendibilidade da banca portuguesa, uma vez que irá levar a um aumento do incumprimento de empresas e famílias devido a insolvências de empresas e ao desemprego das famílias.

Gráfico 1 - Taxa de Inflação (em %), em Portugal



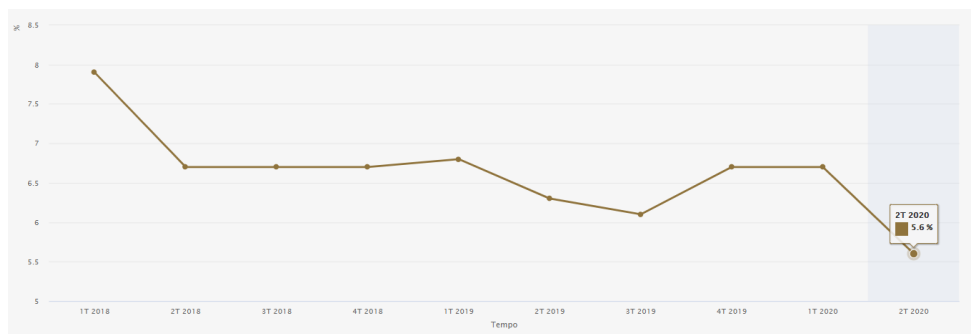
Fonte: Retirado do *Website*, BPstat, Banco de Portugal, 2021

Gráfico 2 - Taxa PIB (em %), em Portugal



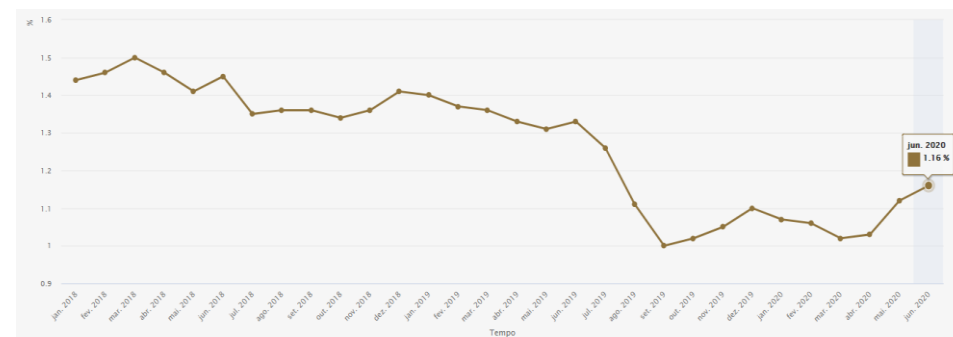
Fonte: Retirado do *Website*, BPstat, Banco de Portugal, 2021

Gráfico 3 - Taxa de Desemprego (em %), em Portugal

















Fonte: Retirado do *Website*, BPstat, Banco de Portugal, 2021

Gráfico 4 - Taxa de Juro (em %), em Portugal



Fonte: Retirado do *Website*, BPstat, Banco de Portugal, 2021

Tabela 7 - Rácio ROE

	2018	2019	2020	Varição 2019-2020 em %
 Caixa	36,57%	38,20%	13,03%	-134,11%
 Millennium	24,40%	21,91%	10,43%	-52,40%
 ActivoBank	23,67%	27,20%	11,47%	-57,83%
 bancoctt	11,57%	8,99%	5,88%	-34,59%
 CA	21,23%	20,67%	19,71%	-4,64%
 Banco Montepio	23,21%	28,81%	11,04%	-61,68%
 CGD	17,64%	18,38%	8,59%	-53,26%
 NOVO BANCO	14,18%	12,87%	0,20%	-98,06%
 BPI	46,59%	23,32%	11,83%	-49,27%
 credibom	53,74%	57,33%	27,90%	-51,33%
 Santander Totta	35,18%	37,19%	18,08%	-51,38%
 BBVA	31,67%	24,42%	11,05%	-54,75%
 bankinter	312,92%	311,42%	4420,93%	1319,60%
 BNP PARIBAS	220,85%	298,04%	78,21%	-73,76%
Média Total em %	62,39%	66,34%	332,03%	400,50%

Fonte: Elaboração do Autor com base em informação dos Boletins Estatísticos Anuais da APB.

O indicador de rentabilidade dos capitais próprios, constitui-se como o resultado da relação entre o resultado líquido e o total dos capitais próprios da instituição, indicando o lucro gerado pelos mesmos.

Como resultado da tabela 7, relativamente ao ano de 2018, a média para este indicador situa-se em 62,39%, em que o Bankinter e o BNP Paribas se destacam pelo bom desempenho, significativamente acima da média anual.

Por conseguinte, no ano de 2019 houve um ligeiro aumento deste indicador, registando-se a média de 66,34% em que apenas os bancos acima citados se encontraram com desempenho acima da média, enquanto que o Banco CTT registou o pior desempenho para este indicador.

Relativamente ao primeiro semestre de 2020, a média foi de 332,03%, representando um grande aumento face ao ano transato, fruto do resultado apresentado pelo Bankinter, uma vez que este, no semestre em causa, apresentou um resultado líquido bastante superior aos seus capitais próprios.

Da análise à taxa de crescimento entre o ano de 2019 e o primeiro semestre de 2020 por instituição financeira, à exceção do Bankinter, todos os restantes bancos demonstraram uma evolução negativa do rácio. Considera-se que tanto este como o BNP Paribas se destacam com capitais próprios superiores ao seu resultado líquido o que potencia o presente resultado. Por outro lado, tendo em conta a instituição financeira com o pior desempenho para o período em análise é o Novo Banco, sendo uma potencial causa os problemas de estrutura herdados dos anos transatos. Apesar desta tendência negativa, o indicador encontra-se positivo e simboliza que as instituições estão com uma gestão competente e ágil.

Por fim, tendo em conta o caso do Bankinter, o problema é que nem sempre um ROE alto indica que a gestão está a ser eficiente, porque o ROE é calculado num determinado período, mas o histórico poderá mostrar uma variação e uma flutuação notável, o que indica que os resultados da instituição serão instáveis, tornando difícil aquando da análise prever os acontecimentos futuros.

6. CONCLUSÕES

Quando surgiu a Covid-19 os indicadores económico-financeiros mostravam uma perspetiva bastante positiva e otimista para a economia, para o emprego e para o consumo, contudo as consequências da pandemia foram desastrosas para o sistema financeiro nacional e mundial no último ano.

Neste sentido com o intuito de estudar a evolução recente da performance bancária foram selecionados um conjunto de rácios económico-financeiros por forma a perceber a realidade financeira dos principais bancos que operam em Portugal.

Na verdade, o setor bancário considerado um ramo essencial para manter a estabilidade entre todos os intervenientes do circuito financeiro, foi um dos que foi particularmente afetado como podemos concluir pelas análises aos rácios efetuados ao longo da presente dissertação.

Com base no tratamento dos resultados podemos constatar que apesar do acesso ainda que limitado, porque apenas obtivemos acesso aos dados que dizem respeito à primeira vaga desta crise pandémica (1.º semestre de 2020) conseguimos ter a noção do impacto negativo ao setor, contudo convém destacar que no que toca ao rácio de Financiamento do Ativo Financeiro este se encontra com um desempenho positivo, bem como o ROE, em termos médios, mas apenas pela oscilação provocada pelo Bankinter.

Aquando de uma análise à tendência evolutiva por cada categoria de indicadores entre o ano de 2019 e o primeiro semestre de 2020, conclui-se que ao nível dos Indicadores de Estrutura Patrimonial estes evidenciam uma tendência positiva, contudo apresentam algumas preocupações estruturais. Evidentemente que a heterogeneidade da amostra não nos permite de uma forma clara perceber o real impacto, mas é notório a penalização que as instituições financeiras sofreram. Quanto aos Indicadores de Funcionamento observa-se uma tendência de deterioração provocada pela atual crise pandémica que impactou numa desaceleração económica ao nível da criação e desenvolvimento de negócio. Da mesma forma, os Indicadores de Rendibilidade apresentaram igual tendência, um abrandamento fruto da instabilidade do contexto atual.

Em termos gerais, a instituição financeira que apresentou um pior desempenho no que toca à variação entre o 2019 e o primeiro semestre de 2020 foi o Novo Banco, se bem que nas restantes instituições se verifica uma tendência de desempenho negativo no período em estudo.

Contrariamente, a instituição que apresentou um melhor desempenho relativo no conjunto de indicadores e que pareceu revelar uma melhor adaptação à crise foi o Crédito Agrícola.

Desta forma, no que toca a medidas adotadas pelo setor com base nas diretrizes de entidades legais para minimizar os efeitos colaterais no tecido empresarial, bem como dos particulares destacam-se:

- A concessão de garantias públicas sobre empréstimos para apoio às PME e grandes empresas no que diz respeito ao fundo de maneiio disponível;
- Linhas de crédito com garantia de Estado para empresas ligadas ao setor da restauração, indústria e turismo;
- Linhas de Crédito de apoio à tesouraria para empresas gravemente afetadas pela Covid-19;
- O acesso às moratórias dos créditos habitação dos particulares;
- Isenção de pagamento de comissões em determinadas operações.

Embora o setor bancário se encontre com uma estratégia de continuidade de negócio, não fazendo grandes perspetivas de crescimento, porque tendencialmente os particulares e as empresas não se encontram com tanta capacidade de investimento, é importante realçar neste aspeto o seu papel crítico para moderação dos possíveis danos económicos.

Assim, este setor, face às novas circunstâncias e mudanças nos padrões de consumo dos seus clientes e empresas, necessitou de adaptar a sua oferta e efetuar uma forte aposta no auxílio mais direto e rápido, permitindo uma via mais eficaz na resposta às necessidades dos mesmos, o que poderá justificar os resultados negativos verificados, mas que por outro lado poderá impedir que se atinja a rotura no setor.

Desta forma, surgem novas tendências para o setor bancário motivadas pela crise pandémica instaurada, sendo que algumas delas serão uma aposta para o futuro bancário. Destacam-se as seguintes:

- Flexibilização dos créditos;
- Maior aposta nos canais digitais, levando a uma formação do cliente nesse sentido;
- Preparação para perdas nos próximos trimestres;
- Apoiar nas ações promovidas pelo Governo;
- Ter mais cautela nas tarefas, executando primeiramente as prioritárias;
- Investimento em medidas de longo prazo, uma vez que as principais consequências sentidas serão a curto prazo.

Como podemos verificar, o setor bancário encontra-se empenhado em dar o seu apoio à economia portuguesa, nesta era tão desafiante que nos encontramos a vivenciar, por isso os bancos têm vindo junto dos seus clientes a disponibilizar informação sobre as diversas medidas de apoio para que a sua situação patrimonial não seja severamente degradada.

Espera-se que este momento crítico que assola o país e o mundo sirva de ponto de partida para que os princípios de cooperação entre países e entre organizações possam ser geridos de forma eficaz e eficiente, e que não sejam geridos com base nas experiências desastrosas e negligentes do passado, provocando uma fragilização em toda a estrutura económico-financeira.

7. LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

As limitações desta dissertação prendem-se quer com a impossibilidade de ter dados completos para o ano de 2020, quer pela escolha dos rácios económico-financeiros considerados, uma vez que:

- Os rácios utilizados foram os mais usuais e poderiam ter sido complementados por outros, visto que o desempenho bancário pode ser medido de muitas outras formas,
- Poderia produzir mais resultados que ajudariam a inferir uma conclusão mais abrangente sobre o desempenho bancário, caso houvesse dados mais recentes para investigar o tema,
- Se se tivesse reduzido o número de bancos em análise seria possível aprofundar o estudo,
- A comparação de rácios entre instituições financeiras poderá ser redutora, uma vez que se trata de instituições com diferentes estratégias,
- A utilização de dados incompletos referentes ao ano de 2020, que não permitiu aprofundar o estudo dos rácios.

Por fim, em estudos futuros, poderá ser completada a análise com dados relativos ao 2.º semestre de 2020. Por outro lado, sugiro uma análise comparativa mais aprofundada e abrangente entre instituições bancárias agrupando-as por grupos como por exemplo que tenham uma semelhante estratégia de atividade e comercial, ou que tenham um número de clientes idêntico, para que seja efetuada uma melhor análise das novas tendências que a crise pandémica trouxe ao setor bancário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA

- Adambekova, A. A., & Andekina, R. E. (2013). Financial Market and its Definitions: Transformation of Scientific Concepts. *World Applied Sciences Journal*, 12-16.
- Associação Portuguesa de Bancos. (2004). *Boletim Informativo nº34*.
- Associação Portuguesa de Bancos. (2010). *Boletim Informativo nº45*.
- Banco de Portugal. (2010). *Boletim Estatístico*.
- Banco de Portugal. (2019). *Relatório de Estabilidade Financeira*.
- Cabrita, M. (2020). Covid-19 reanima “guerra dos spreads” no crédito à habitação: Bankinter lança taxa abaixo de 1%. *Idealista*.
- Coutinho, L. P. (2019). Banco CTT conclui compra da 321 Crédito por 100 milhões de euros.
- Dombrovskis, V. (02 de maio de 2020). Bruxelas prevê recessão “severa”, Portugal “mais resiliente” nesta crise. (Lusa, Entrevistador)
- Einstein, A. (s.d.).
- Ferreira, D. (2008). *Futuros e Outros Derivados*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Jornal Economia & Finanças. (2018). Análise financeira engloba vários instrumentos. *Economia & Finanças*.
- Mações, M. A. (2014). *Manual de Gestão Moderna: Teoria e Prática*. Conjuntura Actual Editora.
- Martins, A. (2002). *Introdução à Análise Financeira de Empresas*. Vida Económica.
- Medina, R. S. (2010). ANÁLISE ECONÓMICA E FINANCEIRA COMO INSTRUMENTO DE APOIO. p. 114.
- Neves, J. C. (2004). *Análise Financeira - Técnicas Fundamentais*. Texto Editores.
- Neves, J. C. (2012). *Análise Financeiro e Relato Financeiro*. Texto Editores.
- Nunes, R. (2017). Testes à Correlação entre Mercados e o seu Impacto na Gestão de Carteiras. p. 87.

- Olival, C. R. (2011). Análise Financeira. *O Caso da Opticentro*, p. 35.
- Oliveira, F. F. (26 de Janeiro de 2016). O Sistema Financeiro Português 40.000 Milhões de Imparidades Depois. *Tendências e Desafios da Banca*, p. 10.
- Pina, L. (2020). Crédito Agrícola com 131,5 milhões de resultados líquidos em 2019 a subirem 17%. *Jornal Económico*.
- Silva, B. (Outubro de 2017). Determinantes da Rendibilidade no Setor Bancário. p. 86.

WEBGRAFIA

- Associação Portuguesa de Bancos. (2018). Boletim Estatístico. Obtido de: https://www.apb.pt/publicacoes_e_pareceres/publicacoes/estatisticas/ (Acedido em 08 de Dezembro de 2021).
- Associação Portuguesa de Bancos. (2019). Boletim Estatístico. Obtido de: https://www.apb.pt/publicacoes_e_pareceres/publicacoes/estatisticas/ (Acedido em 08 de Dezembro de 2020)
- Associação Portuguesa de Bancos. (2020). Obtido de: https://www.apb.pt/sistema_financeiro/o_que_e (Acedido em 10 de Novembro de 2020).
- Associação Portuguesa de Bancos. (2020). Boletim Estatístico. Obtido de https://www.apb.pt/publicacoes_e_pareceres/publicacoes/estatisticas/ (Acedido em 08 de Dezembro de 2020).
- Associação Portuguesa de Bancos. (2020). *Associação Portuguesa de Bancos*. Obtido de APB: Associação Portuguesa de Bancos: https://www.apb.pt/sistema_financeiro/o_que_e (Acedido em 02 de Setembro 2020).
- Banco de Portugal. (2020). Obtido de Banco de Portugal (BPstat): <https://bpstat.bportugal.pt/> (Acedido em 30 de Janeiro de 2021).
- Banco de Portugal. (2021). *Mecanismo Único de Supervisão*. Obtido de Banco de Portugal: <https://www.bportugal.pt/page/mecanismo-unico-de-supervisao?mlid=852#MUS-Importancia> (Acedido em 05 de Janeiro de 2021).

Garcia, H. (2019). *Como é calculada a Margem de Negócios?* Obtido de Rankia: <https://www.rankia.pt/bolsa/como-e-calculada-a-margem-de-negocios/> (Acedido em 25 de Novembro de 2020).

Portal de Gestão. (2009). *Portal Gestão*. Obtido de Rácios de Rentabilidade: <https://www.portal-gestao.com/artigos/> (Acedido em 05 de Maio de 2020).

Sanches, C. (2020). *Economia de Portugal: Entenda os Impactos da Pandemia em 2020*. Obtido de Euro Dicas: <https://www.eurodicas.com.br/economia-de-portugal/> (Acedido em 15 de Janeiro 2021).

LEGISLAÇÃO

Decreto Lei nº 91/2018 de 12 de novembro de 2018. *Diário da República nº 217/2018* – 1ª Série. Ministério das Finanças, Lisboa.

ANEXOS

ANEXO 1 - Demonstração de Resultados 31/12/2018

(milhares de euros / thousands of euros)

	Banco BIC	Millennium bcp	Activobank	Banco CTT	CCCAM	Montepio	CGD	Novo Banco	Banco BPI	BPI	Banco Credibom	Santander Totta	BBVA	Bankinter	BNP
1. Receitas de juros..... <i>Interest income</i>	62 350	974 655	6 180	8 560	167 910	346 916	1 516 129	762 633	520 139	-	173 789	1 233 151	45 195	72 044	8 475
2. (Despesas com juros)..... <i>(Interest expenses)</i>	27 894	195 750	3 371	693	109 998	112 390	703 040	316 392	89 498	23	95 521	383 121	4 425	7 000	1 568
3. (Despesas com capital social reembolsável a pedido)..... <i>(Expenses on share capital repayable on demand)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4. Receitas de dividendos..... <i>Dividend income</i>	53	223 351	77	-	108	8 437	259	17 864	71 225	-	1	2 886	11 272	1 976	-
5. Receitas de taxas e comissões..... <i>Fee and commission income</i>	44 400	561 960	22 475	4 988	29 896	143 300	483 015	329 201	298 621	11 954	14 255	453 884	33 802	44 905	4 697
6. (Despesas de taxas e comissões)..... <i>(Fee and commission expenses)</i>	10 869	113 488	1 138	2 358	11 326	24 556	89 158	49 395	41 948	815	729	76 764	5 689	4 262	1 244
7. Ganhos ou perdas (-) com o desreconhecimento de ativos e passivos financeiros não mensurados ao justo valor através dos resultados, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on financial assets and liabilities not measured at fair value through profit or loss, net</i>	21 420	(35 487)	(68)	2	14 339	547	32 125	(175 182)	(2 146)	-	-	18 532	3 683	(339)	-
8. Ganhos ou perdas (-) com ativos e passivos financeiros detidos para negociação, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on financial assets and liabilities held for trading, net</i>	30	(118 427)	(2)	-	(2 586)	(902)	(25 434)	(22 625)	39 027	-	-	(1 697)	(2 340)	3	(5)
9. Ganhos ou perdas com ativos financeiros não negociáveis obrigatoriamente contabilizados pelo justo valor através dos resultados, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on non-trading financial assets mandatorily at fair value through profit or loss, net</i>	-	(29 532)	-	-	(5 348)	-	41 847	(10 094)	59 479	-	(514)	(13 300)	5 497	(698)	(113)
10. Ganhos ou perdas (-) com ativos e passivos financeiros contabilizados pelo justo valor através dos resultados, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on financial assets and liabilities designated at fair value through profit or loss, net</i>	(3 744)	108 671	-	-	-	8 172	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11. Ganhos ou perdas (-) da contabilidade de cobertura, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses from hedge accounting, net</i>	-	1 363	-	-	(4 676)	1 108	-	(46 910)	1 398	-	-	(15)	(17)	-	-
12. Diferenças cambiais (ganhos ou perdas (-)), valor líquido..... <i>Exchange differences (gain or (-) loss), net</i>	3 047	24 512	15	-	1 613	(3 895)	(9 113)	42 759	(25 287)	2	-	9 927	2 318	(10)	-
13. Ganhos ou perdas (-) no desreconhecimento de investimentos em subsidiárias, empreendimentos conjuntos e associadas, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on derecognition of investments in subsidiaries, joint ventures and associates, net</i>	-	-	(1)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
14. Ganhos ou perdas (-) com o desreconhecimento de ativos não financeiros, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on derecognition of non-financial assets other than held for sale, net</i>	-	(791)	-	-	629	14 146	(25 451)	19 943	605 868	(1)	281	(5 750)	-	-	-
15. Outras receitas operacionais..... <i>Other operating income</i>	6 656	53 193	55	2	4 959	35 403	152 364	122 515	11 467	45	11 517	29 265	1 369	3 281	119 955
16. (Outras despesas operacionais)..... <i>(Other operating expenses)</i>	5 491	89 866	637	147	8 186	50 010	74 514	164 004	29 088	40	5 286	69 182	3 702	11 590	12 332
17. Receitas operacionais totais, valor líquido.....	189 968	1 364 364	23 585	10 354	67 264	366 276	1 299 629	510 313	1 420 257	11 122	97 793	1 197 816	86 953	98 310	117 865
18. (Despesas de pessoal)..... <i>(Staff expenses)</i>	72 244	376 878	6 482	12 698	25 070	146 908	459 133	244 104	252 399	5 293	21 135	351 716	24 247	50 943	90 962
19. (Outras despesas administrativas)..... <i>(Other administrative expenses)</i>	44 737	229 887	9 888	20 986	20 471	67 941	251 811	196 154	168 653	2 940	16 618	209 598	34 038	31 320	12 852
20. (Depreciação)..... <i>(Depreciation)</i>	2 984	32 441	445	3 387	665	21 911	37 059	21 314	23 464	125	1 087	40 895	1 997	705	4 805
21. Ganhos ou perdas (-) de modificação, valor líquido..... <i>Modification gains or (-) losses, net</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
22. (Provisões ou reversão de provisões (-))..... <i>Provisions or (-) reversal of provisions</i>	514	60 545	9	(20)	231	3 604	(141 468)	239 973	4 486	-	2 686	246 732	799	(4 439)	1 820
23. (Imparidades ou reversão de imparidades (-) de ativos financeiros não mensurados pelo justo valor através de resultados)..... <i>(Impairment or (-) reversal of impairment on financial assets not measured at fair value through profit or loss)</i>	22 594	386 367	445	186	(385)	97 538	173 563	298 792	(48 967)	-	5 818	(5 182)	(27 313)	(26 751)	(1 926)
24. (Imparidades ou reversão de imparidades (-) de investimentos em subsidiárias, empreendimentos conjuntos e associadas)..... <i>(Impairment or (-) reversal of impairment of investments in subsidiaries, joint venture and associates)</i>	-	177 105	-	-	-	(30 498)	3 946	47 605	5 742	-	-	1 918	8 760	-	-
25. (Imparidades ou reversão de imparidades (-) de ativos não financeiros)..... <i>(Impairment or (-) reversal of impairment of non-financial assets)</i>	638	37 486	-	145	281	12 800	(597)	236 460	1 672	-	-	27 747	3 838	-	-
26. Goodwill negativo reconhecido nos resultados..... <i>Negative goodwill recognised in profit or loss</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
27. Proporção dos lucros ou prejuízos (-) de investimentos em subsidiárias, empreendimentos conjuntos e associadas..... <i>Share of profit or (-) loss of investments in subsidiaries, joint venture and associates accounted for using the equity method</i>	-	-	-	3 733	-	-	68 729	-	-	-	-	-	-	-	2 002
28. Lucros ou prejuízos (-) com ativos não correntes e grupos para alienação classificados como detidos para venda não elegíveis como unidades operacionais descontinuadas..... <i>Profit or (-) loss from non-current assets and disposal groups classified as held for sale not qualifying as discontinued operations</i>	-	31 721	-	-	-	-	23 462	1 812	(5 222)	90	-	21 107	2 375	(86)	183
29. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais em continuação antes de impostos..... <i>Profit or (-) loss before tax from continuing operations</i>	46 257	95 376	6 316	(23 295)	20 131	46 072	606 373	(772 277)	1 007 586	2 854	50 449	345 499	42 962	46 446	11 537
30. (Despesas ou receitas (-) com impostos relacionadas com os resultados de unidades operacionais em continuação)..... <i>(Tax expenses or (-) income related to profit or loss from continuing operations)</i>	3 800	36 109	411	(5 808)	6 133	44 053	268 575	660 596	170 933	771	14 192	(130 036)	23 232	13 479	2 421
31. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais em continuação após dedução de impostos..... <i>Profit or (-) loss after tax from continuing operations</i>	42 457	59 267	5 905	(17 487)	13 998	2 019	337 798	(1 432 873)	836 653	2 083	36 257	475 535	19 730	32 967	9 116
32. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais descontinuadas após dedução de impostos..... <i>Profit or (-) loss after tax from discontinued operations</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	77 658	-	-	-	-	-	-
33. Lucros ou prejuízos (-) do exercício..... <i>Profit or (-) loss for the year</i>	42 457	59 267	5 905	(17 487)	13 998	2 019	337 798	(1 432 873)	914 311	2 083	36 257	475 535	19 730	32 967	9 116
34. Atribuíveis a interesses minoritários (interesses que não controlam)..... <i>Attributable to minority interest (non-controlling interests)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
35. Atribuíveis aos proprietários da empresa-mãe.....	42 457	59 267	5 905	(17 487)	13 998	2 019	337 798	(1 432 873)	914 311	2 083	36 257	475 535	19 730	32 967	9 116

ANEXO 2 - Demonstração de Resultados de 31/12/2019

(milhares de euros / thousands of euros)

	Euro BIC	Millennium bcp	Activobank	Banco CTT	CCCAM	Montepio	CGD	Novo Banco	Banco BPI	Banco Credibom	Santander Totta	BBVA	Bankinter	BNP
1. Receitas de juros..... <i>Interest income</i>	161 050	964 362	18 279	14 339	160 023	307 870	1 326 278	765 259	532 148	174 860	1 271 318	45 605	70 672	7 666
2. (Despesas com juros)..... <i>(Interest expense)</i>	29 173	172 364	2 199	991	110 422	105 960	565 177	219 109	92 336	85 455	428 435	2 621	8 727	1 960
3. (Despesas com capital social reembolsável a pedido)..... <i>(Expenses on share capital repayable on demand)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4. Receitas de dividendos..... <i>Dividend income</i>	73	19 677	113	-	185	7 631	286	17 313	78 185	1	19 483	4 090	895	1 619
5. Receitas de taxas e comissões..... <i>Fee and commission income</i>	47 499	577 069	15 028	9 070	27 094	143 341	514 033	333 362	272 945	13 068	492 368	27 660	45 670	4 647
6. (Despesas de taxas e comissões)..... <i>(Fee and commission expenses)</i>	11 067	109 518	1 414	3 351	12 626	20 599	99 136	48 049	23 107	1127	102 380	2 157	4 701	1 193
7. Ganhos ou perdas (-) com o desreconhecimento de ativos e passivos financeiros não mensurados ao justo valor através dos resultados, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on financial assets and liabilities not measured at fair value through profit or loss, net</i>	89	85 132	(166)	35	16 152	59 636	152 421	59 377	28 476	-	58 728	1 234	-	-
8. Ganhos ou perdas (-) com ativos e passivos financeiros detidos para negociação, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on financial assets and liabilities held for trading, net</i>	85	158 517	-	-	(568)	2 885	(151 011)	(60 446)	4 361	-	7 625	(1 951)	-	(1)
9. Ganhos ou perdas com ativos financeiros não negociáveis obrigatoriamente contabilizados pelo justo valor através dos resultados, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on non-trading financial assets mandatorily at fair value through profit or loss, net</i>	-	(33 610)	1	-	(4 304)	-	15 564	(372 645)	(9 355)	1 180	2 416	-	(596)	-
10. Ganhos ou perdas (-) com ativos e passivos financeiros contabilizados pelo justo valor através de resultados, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on financial assets and liabilities designated at fair value through profit or loss, net</i>	7 140	(167 448)	-	-	-	39 229	1182	(102)	-	-	-	-	-	-
11. Ganhos ou perdas (-) da contabilidade de cobertura, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses from hedge accounting, net</i>	-	(968)	-	-	(2 945)	619	-	(2 251)	3 115	-	-	2	-	-
12. Diferenças cambiais (ganhos ou perdas (-)), valor líquido..... <i>Exchange differences (gain or (-) loss), net</i>	3 062	13 627	25	-	1 629	1 884	48 234	38 599	(5 635)	-	11 245	2 841	(2)	-
14. Ganhos ou perdas (-) com o desreconhecimento de ativos não financeiros, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on derecognition of non-financial assets other than held for sale, net</i>	-	(1 148)	-	-	46	6 096	74 118	7 996	2 514	284	-	59	-	-
15. Outras receitas operacionais..... <i>Other operating income</i>	45 524	55 418	64	168	10 294	37 031	137 437	62 522	32 829	12 828	6 595	1 599	4 174	152 429
16. (Outras despesas operacionais)..... <i>(Other operating expenses)</i>	6 383	97 674	1 056	260	12 082	43 688	62 632	112 668	59 054	4 384	38 191	341	10 088	3 310
17. Receitas operacionais totais, valor líquido.....	217 929	1 290 802	28 673	19 000	72 476	435 975	1 401 597	469 148	765 586	111 255	1 300 772	75 420	97 297	159 897
18. (Despesas administrativas)..... <i>(Administrative expenses)</i>	111 632	597 577	17 104	37 027	42 824	202 728	663 607	413 977	388 006	41 180	537 739	48 897	74 566	14 141
(Despesas de pessoal) / (Staff costs)..... <i>(Outras despesas administrativas) / (Other administrative expenses)</i>	71 612	401 051	7 812	14 122	21 500	147 454	436 605	242 098	241 314	21 567	341 926	24 828	47 964	104 596
19. (Depreciação)..... <i>(Depreciation)</i>	40 020	196 526	9 292	22 905	21 324	55 274	227 002	171 879	146 692	19 593	195 813	24 069	26 602	36 885
20. Ganhos ou perdas (-) de modificação, valor líquido..... <i>Modification gains or (-) losses, net</i>	7 545	70 528	1 881	4 941	3 168	31 312	70 485	36 681	53 732	2 175	49 132	4 321	5 730	11 703
21. (Provisões ou reversão de provisões (-))..... <i>Provisions or (-) reversal of provisions</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
(Imparidades ou reversão de imparidades (-) de ativos financeiros não mensurados pelo justo valor através de resultados)..... <i>(Impairment or (-) reversal of impairment on financial assets not measured at fair value through profit or loss)</i>	11 156	(994)	7	(37)	(152)	(484)	(23 527)	101 844	2 273	3 621	29 115	3 639	(3 446)	1 151
(Imparidades ou reversão de imparidades (-) de investimentos em subsidiárias, empreendimentos conjuntos e associadas)..... <i>(Impairment or (-) reversal of impairment of investments in subsidiaries, joint venture and associates)</i>	31 823	274 917	804	104	(2 241)	154 835	17 605	631 044	(39 061)	10 743	(9 680)	(14 541)	(30 623)	(1 212)
(Imparidades ou reversão de imparidades (-) de ativos não financeiros)..... <i>(Impairment or (-) reversal of impairment of non-financial assets)</i>	-	7 404	-	-	-	5 716	(79 199)	36 040	481	-	-	1 072	-	-
24. Goodwill negativo reconhecido nos resultados..... <i>Negative goodwill recognised in profit or loss</i>	1 262	82 979	1	122	(935)	8 546	(127 081)	298 424	(1 672)	-	6 274	(1 758)	-	(6)
25. Proporção dos lucros ou prejuízos (-) de investimentos em subsidiárias, empreendimentos conjuntos e associadas..... <i>Share of profit or (-) loss of investments in subsidiaries, joint venture and associates accounted for using the equity method</i>	-	-	-	10 130	-	-	75 049	-	-	-	-	-	-	-
27. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais em continuação antes de impostos..... <i>Profit or (-) loss from non-current assets and disposal groups classified as held for sale not qualifying as discontinued operations</i>	-	28 619	-	-	(1 280)	-	83 363	4	3 400	-	16 794	1 261	(895)	-
28. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais em continuação antes de impostos..... <i>Profit or (-) loss before tax from continuing operations</i>	54 511	287 010	8 876	(13 027)	28 532	33 322	1 038 119	(1 048 858)	365 227	53 536	704 986	35 051	50 175	6 860
29. (Despesas ou receitas (-)) com impostos relacionadas com os resultados de unidades operacionais em continuação..... <i>(Tax expenses or (-) income related to profit or loss from continuing operations)</i>	(6 560)	147 714	685	(5 016)	7 380	20 351	276 106	38 726	23 114	14 954	205 271	8 001	14 944	1 239
30. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais em continuação após dedução de impostos..... <i>Profit or (-) loss after tax from continuing operations</i>	61 071	139 296	8 191	(8 011)	20 552	12 971	762 013	(1 087 584)	342 113	38 582	499 715	27 050	35 231	5 641
31. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais descontinuadas após dedução de impostos..... <i>Profit or (-) loss after tax from discontinued operations</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
32. Lucros ou prejuízos (-) do exercício..... <i>Profit or (-) loss for the year</i>	61 071	139 296	8 191	(8 011)	20 552	12 971	762 013	(1 087 584)	342 113	38 582	499 715	27 050	35 231	5 641
33. Atribuíveis a interesses minoritários (interesses que não controlam)..... <i>Attributable to minority interest (non-controlling interests)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
34. Atribuíveis aos proprietários da empresa-mãe..... <i>Attributable to owners of the parent</i>	61 071	139 296	8 191	(8 011)	20 552	12 971	762 013	(1 087 584)	342 113	38 582	499 715	27 050	35 231	5 641

ANEXO 3 - Demonstração de Resultados 30/06/2020

(milhares de euros / thousands of euros)

	Euro BIC	Millennium bcp	Activobank	Banco CTT	CCCAM	Montepio	CGD	Novo Banco	Banco BPI	Banco Credibom	Santander Totta	BBVA	Bankinter	BNP
1. Receitas de juros..... <i>Interest income</i>	73 062	463 947	11 731	8 451	78 301	138 173	554 041	379 092	239 762	67 659	591 928	21 385	36 182	3 652
2. (Despesas com juros)..... <i>(Interest expense)</i>	10 769	87 433	560	507	53 735	41 541	205 363	99 565	20 023	19 935	190 337	442	3 724	731
3. (Despesas com capital social reembolsável a pedido)..... <i>(Expenses on share capital repayable on demand)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4. Receitas de dividendos..... <i>Dividend income</i>	54	13 952	45	-	37	1 719	92	8 681	42 305	-	4 925	649	488	-
5. Receitas de taxas e comissões..... <i>Fee and commission income</i>	19 775	276 380	6 631	6 133	12 468	63 749	246 814	145 489	125 160	6 137	242 060	13 748	23 385	3 182
6. (Despesas de taxas e comissões)..... <i>(Fee and commission expenses)</i>	3 789	51 653	561	1 578	6 722	9 123	42 210	23 080	10 638	457	51 795	862	2 089	367
7. Ganhos ou perdas (-) com o desreconhecimento de ativos e passivos financeiros não mensurados ao justo valor através dos resultados, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on financial assets and liabilities not measured at fair value through profit or loss, net</i>	112	11 223	(4)	34	47 867	18 663	17 316	83 257	11	-	79 564	594	-	-
8. Ganhos ou perdas (-) com ativos e passivos financeiros detidos para negociação, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on financial assets and liabilities held for trading, net</i>	(135)	(66 778)	-	-	762	(14 115)	29 269	(72 161)	2 765	-	151	(177)	-	(1)
9. Ganhos ou perdas com ativos financeiros não negociáveis obrigatoriamente contabilizados pelo justo valor através dos resultados, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on non-trading financial assets mandatorily at fair value through profit or loss, net</i>	-	(71 781)	-	-	(3 326)	-	10 327	(381 251)	(19 437)	113	6 478	-	(801)	-
10. Ganhos ou perdas (-) com ativos e passivos financeiros contabilizados pelo justo valor através de resultados, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on financial assets and liabilities designated at fair value through profit or loss, net</i>	(3 845)	72 963	-	-	-	8 010	1 958	(7)	-	-	-	-	-	-
11. Ganhos ou perdas (-) da contabilidade de cobertura, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses from hedge accounting, net</i>	-	(1 201)	-	-	(22)	(255)	(10 374)	(11 183)	(2 357)	-	147	1	-	-
12. Diferenças cambiais (ganho ou perdas (-)), valor líquido..... <i>Exchange differences (gain or (-) loss), net</i>	796	53 337	(11)	-	479	1 177	(16 727)	(15 016)	123	-	5 640	156	(34)	-
13. Ganhos ou perdas (-) com o desreconhecimento de ativos não financeiros, valor líquido..... <i>Gains or (-) losses on derecognition of non-financial assets other than held for sale, net</i>	-	(1 716)	8	-	234	10 373	1 158	1 372	(25)	142	-	23	-	-
14. Outras receitas operacionais..... <i>Other operating income</i>	2 235	24 876	126	67	1 169	8 542	88 737	30 701	19 923	6 315	3 097	264	1 732	86 445
15. (Outras despesas operacionais)..... <i>(Other operating expenses)</i>	3 567	12 347	468	318	6 866	28 934	15 513	39 964	10 750	3 875	2 107	493	5 713	3 683
16. Receitas operacionais totais, valor líquido..... Total operating income, net	73 929	623 769	16 937	12 282	70 646	156 444	659 526	6 365	367 619	56 099	679 761	34 845	49 426	88 497
17. (Despesas administrativas)..... <i>(Administrative expenses)</i>	47 549	280 290	8 777	17 418	20 558	101 553	268 588	186 298	190 397	20 773	254 311	23 119	33 770	74 108
(Despesas de pessoal) / (Staff costs).....	24 831	189 525	3 966	7 262	9 028	73 190	183 592	119 349	120 400	11 684	159 821	11 980	21 422	60 903
(Outras despesas administrativas) / (Other administrative expenses).....	22 718	90 765	4 811	10 156	11 530	28 363	84 995	70 949	69 997	9 089	94 490	11 139	12 348	13 205
18. (Contribuições para fundos de resolução e fundos de garantia de depósito)..... <i>(Cash contributions to resolution funds and deposit guarantee schemes)</i>	-	63 856	342	-	746	-	28 262	34 766	36 282	-	35 624	-	-	-
19. (Depreciação)..... <i>(Depreciation)</i>	2 364	38 600	1 016	2 543	1 615	16 135	35 125	18 387	22 722	1 228	25 595	2 193	3 418	6 176
20. Ganhos ou perdas (-) de modificação, valor líquido..... <i>Modification gains or (-) losses, net</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
21. (Provisões ou reversão de provisões (-))..... <i>Provisions or (-) reversal of provisions</i>	(857)	19 428	7	54	17 850	2 334	(31 506)	44 185	178	1 984	30 751	1 884	635	1 191
22. (Impairment ou reversão de impairment (-) de ativos financeiros não mensurados pelo justo valor através de resultados)..... <i>(Impairment or (-) reversal of impairment on financial assets not measured at fair value through profit or loss)</i>	19 011	170 919	1 477	345	9 457	119 264	123 221	290 843	83 794	14 318	100 356	(5 895)	3 533	385
23. (Impairment ou reversão de impairment (-) de investimentos em subsidiárias, empreendimentos conjuntos e associadas)..... <i>(Impairment or (-) reversal of impairment of investments in subsidiaries, joint venture and associates)</i>	-	2 506	-	-	-	-	(1 396)	(5 230)	-	-	-	-	-	-
24. (Impairment ou reversão de impairment (-) de ativos não financeiros)..... <i>(Impairment or (-) reversal of impairment of non-financial assets)</i>	7	23 340	-	(2)	(403)	5 774	(5 583)	5 872	-	-	2 208	(57)	-	58
25. Goodwill negativo reconhecido nos resultados..... <i>Negative goodwill recognised in profit or loss</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
26. Proporção dos lucros ou prejuízos (-) de investimentos em subsidiárias, empreendimentos conjuntos e associadas..... <i>Share of profit or (-) loss of investments in subsidiaries, joint venture and associates accounted for using the equity method</i>	-	-	-	3 330	-	-	85 223	-	-	-	-	-	-	-
27. Lucros ou prejuízos (-) com ativos não correntes e grupos para alienação classificados como detidos para venda não elegíveis como unidades operacionais descontinuadas..... <i>Profit or (-) loss from non-current assets and disposal groups classified as held for sale not qualifying as discontinued operations</i>	69	(1 892)	-	-	(119)	-	14 869	3	741	-	(2 171)	56	(178)	-
28. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais em continuação antes de impostos..... Profit or (-) loss before tax from continuing operations	5 924	22 938	5 318	(4 746)	20 704	(87 616)	342 907	(580 733)	34 987	17 796	228 745	13 857	7 892	6 579
29. (Despesas ou receitas (-)) com impostos relacionadas com os resultados de unidades operacionais em continuação..... <i>(Tax expenses or (-) income related to profit or loss from continuing operations)</i>	5 514	21 123	14	(1 805)	10 795	(21 655)	104 904	2 518	4 357	5 189	7 114	7 499	2 786	2 077
30. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais em continuação após dedução de impostos..... Profit or (-) loss after tax from continuing operations	410	1 805	5 304	(2 941)	9 919	(65 961)	238 003	(583 251)	30 630	12 608	157 611	6 358	5 106	4 502
31. Lucros ou prejuízos (-) de unidades operacionais descontinuadas após dedução de impostos..... <i>Profit or (-) loss after tax from discontinued operations</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
32. Lucros ou prejuízos (-) do exercício..... Profit or (-) loss for the year	410	1 805	5 304	(2 941)	9 919	(65 961)	238 003	(583 251)	30 630	12 608	157 611	6 358	5 106	4 502
33. Atribuíveis a interesses minoritários (interesses que não controlam)..... <i>Attributable to minority interest (non-controlling interests)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
34. Atribuíveis aos proprietários da empresa-mãe.....	410	1 805	5 304	(2 941)	9 919	(65 961)	238 003	(583 251)	30 630	12 608	157 611	6 358	5 106	4 502